

**22 A 30 DE NOVEMBRO**

**ENTRADA FRANCA**

**VIII BIENAL DE  
MÚSICA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA**

**TEATRO MUNICIPAL  
SALA CECÍLIA MEIRELES  
SEU DE ARTE MODERNA**

**RIO DE JANEIRO 1989**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

*José Sarney*

MINISTRO DA CULTURA

*José Aparecido de Oliveira*

PRESIDENTE DA FUNARTE

*Edino Krieger*

DIRETORA DO INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA

*Valéria Ribeiro Peixoto*

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*Wellington Moreira Franco*

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA

*Aspásia Brasileiro Alcântara de Camargo*

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO TEATRO MUNICIPAL

*José Carlos Barboza de Oliveira*

DIRETOR DA SALA CECÍLIA MEIRELLES

*Henrique Morelenbaum*

PRESIDENTE DO INSTITUTO BANERJ DE AÇÃO CULTURAL

*Márcio Fortes*

PRESIDENTE DO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

*Manoel Francisco do Nascimento Brito*

# VIII BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA 1989

## **Homenagens Póstumas**

*Claudio Santoro  
Lindembergue Cardoso  
Paulo Libânio*

## **Homenagem Especial**

*Lorenzo Fernandez*

## **PROMOÇÃO**

MINISTÉRIO DA CULTURA  
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## **REALIZAÇÃO**

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE - FUNARTE  
FUNDAÇÃO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA  
SALA CECÍLIA MEIRELES  
INSTITUTO BANERJ DE AÇÃO CULTURAL  
MUSEU DE ARTE MODERNA

## **Comissão Organizadora**

MINISTÉRIO DA CULTURA

*Edino Krieger*

Presidente da Funarte

*Valéria Ribeiro Peixoto*

Diretora do INM

*Ronaldo Miranda*

Coordenador de Música Brasileira do INM

*Lilian Carneiro Oberlaender*

Coordenadora Administrativa do INM

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*José Carlos Barboza de Oliveira*

Presidente da Fundação Teatro Municipal

*Lilian Barreto*

Coordenadora de Música do Teatro Municipal

*Henrique Morelenbaum*

Diretor da Sala Cecília Meireles

*Marly Moniz*

Assessora Artística da Sala Cecília Meireles

*Ricardo Prado*

Secretário Geral Executivo do Instituto Banerj de Ação Cultural

MUSEU DE ARTE MODERNA

*Luiz Paulo Horta*

Coordenador de Música

*Maria de Lourdes Lyra Krieger*

Coordenadora Assistente

## **Comissão de Seleção**

*Henrique Morelenbaum*

*Rodolfo Coelho de Souza*

*Guilherme Bauer*

*Ronaldo Miranda*

*Ricardo Prado*

*Edino Krieger*

## **Agradecimentos**

*Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal*

*Orquestra Sinfônica Brasileira*

*Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro*

*Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro*

*Orquestra de Câmara de Blumenau*

*Coro do Teatro Municipal*

*Côro Infantil do Teatro Municipal*

*Fundação de Arte do Rio de Janeiro - FUNARJ*

*Museu da Imagem e do Som*

*Escola de Música Villa-Lobos*

*Governo do Distrito Federal*

*Fundação Cultural do Distrito Federal*

*Instituto Banerj de Ação Cultural*

*Associação de Amigos da Sala Cecília Meireles*

*VITAE - Apaia à Cultura, Educação e Promoção Social*

*VARIG*

*TEXACO*

*José Arnaldo Rossi*

*Silvia Steinberg*

Assessoria de Comunicação

*Maria Odete Duarte*

Divulgação

*Maria de Lourdes Lyra Krieger*

*José Antonio Pinheiro*

Assistente de Coordenação

*João Guilherme Ripper*

Produção Executiva

*Guthenberg Padilha*

Produção

*TEMA Promoções Culturais*

Padronização

*Suzana Gaspar de O. Martins*

Arte-Final

*Euclides G. da Silva*

## 1.º CONCERTO

Quarta-feira 22 de novembro de 1989 21 horas  
Teatro Municipal do Rio de Janeiro

CORO E ORQUESTRA SINFÔNICA DO  
TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

ALMEIDA PRADO  
texto Hilda Hilst

### *Pequenos funerais cantantes*

Solistas

Maria Lúcia Godoy soprano  
Eládio Perez Gonzalez barítono

MARLOS NOBRE

### *Concerto breve para piano e orquestra*

Solista

Marlos Nobre

LINDEMBERGUE CARDOSO

### *Procissão das carpideiras*

Solista

Maria Lúcia Godoy soprano

FERNANDO CERQUEIRA

texto João Cabral de Melo Neto

### *Heterofonia do tempo*

Solistas

Maria Lúcia Godoy soprano  
Inácio de Nonno barítono

Regente

ROBERTO DUARTE

Este concerto comemora os vinte anos do I Festival de Música da Guanabara. As obras apresentadas são aquelas que se classificaram do primeiro ao quarto lugar no evento. Procurou-se, na medida do possível, conservar os mesmos intérpretes de sua primeira apresentação.

2º CONCERTO

Quinta-feira 23 de novembro de 1989 21 horas

Teatro Municipal do Rio de Janeiro

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

RAUL DO VALLE

*Contextura*

LORENZO FERNANDEZ

*Variações sinfônicas sobre um tema brasileiro* (estréia mundial)

Solista Maria da Penha piano

CIRLEI DE HOLLANDA

texto Carlos Drummond de Andrade

*Vitória*

Solista Ruth Staerke soprano

CLAUDIO SANTORO\*

*Sinfonia n.º 14*

(estréia mundial)

*Allegro*

*Andante (Quasi adagio)*

*Moderato con anima*

Regente

RICARDO PRADO

3º CONCERTO

Sexta-feira 24 de novembro de 1989 21 horas  
Sala Cecília Meireles

GRUPO DE PERCUSSÃO DO INSTITUTO DE ARTES - UNESP

ROBERTO VICTORIO

*Codex Troano*

CARLOS STASI

*Haneman*

SÍLVIO FERRAZ

*Sobre o retorno da vida e suas cores*

ERNST WIDMER

texto Gregório de Matos

*Êpa - Dois re-tratos op. 133*

Martha Herr soprano

RUFO HERRERA

*Ideofonia n.º IV*

Martha Herr soprano

ILZA NOGUEIRA

texto Thiago de Mello

*In memoriam*

Martha Herr soprano

BRENNO BLAUTH

*Presságios T.81*

Grupo Trombonismo

Wagner Politschuk

Fernando Chipoletti

Gilberto Gianelli

Donizetti Fonseca

Direção

JOHN BOUDLER e CARLOS STASI

Governo do Distrito Federal  
Secretaria de Cultura  
Fundação Cultural do Distrito Federal

4º CONCERTO  
Sábado 25 de novembro de 1989 16:30 horas  
Teatro Municipal do Rio de Janeiro

ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO

Fundador  
Diretor artístico e regente

MAESTRO CLÁUDIO SANTORO  
SÍLVIO BARBATO

CLÁUDIO SANTORO

*Canto de Amor e Paz*  
*Fantasia para violino e orquestra*

Solista Bernardo Bessler  
Estatutos do Homem (versão 1987)  
texto de Thiago de Mello  
Narrador Sérgio Britto

CORO ÓPERA BRASIL

Regente

SÍLVIO BARBATO

5º CONCERTO

Sábado 25 de novembro de 1989 21 horas

Sala Cecília Meireles

EDUARDO GUIMARÃES ÁLVARES

*Estudo n.º 1 para marimba e vibrafone*

(primeira audição no Rio de Janeiro)

**Duo Diálogos**

Joaquim Abreu e Carlos Tarcha percussão

LUIZ CARLOS CSEKO

*Curva*

**Duo Diálogos**

MÁRIO FICARELLI

*Potências*

**Duo Diálogos**

**Grupo Trombonismo**

Wagner Politschuk

Fernando Chipoletti

Gilberto Gianelli

Donizetti Fonseca

GUERRA-PEIXE

*Prelúdios tropicais n.ºs 8, 9 e 10*

(estréia mundial)

*Tocata do Jozinho*

(primeira audição no Brasil)

Ruth Serrão piano

LEONARDO SÁ

*Tocata para piano*

Benjamin da Cunha Neto piano

ANTÔNIO JARDIM

texto Ezra Pound

*Dois epitáfios*

Eládio Perez Gonzalez barítono

Sonia Vieira piano

José Arthur de Mello Rua clarineta

CAMARGO GUARNIERI\*

*Trio para violino, violoncelo e piano*

(estréia mundial)

*Enérgico*

*Magoado*

*Com alegria*

**Trio Guarnieri**

Tânia Camargo Guarnieri violino

Robert Suetholz violoncelo

Jairo Grossi piano

GILBERTO MENDES

*Ulisses surfando em Copacabana com James Joyce e Dorothy Lamour*

Igor Levy Auras flauta

Paulo Sérgio Santos clarineta

Eduardo Morelenbaum saxofone alto

Antônio Augusto trompa

Carlos Alberto Carvalho violão

Maria Teresa Madeira piano

Ângelo dell'Orto violino

Hariton Nathanailidis violino

Geraldo Monte viola

Antonio Arzolla contrabaixo

Regente

AYLTON ESCOBAR

\*Obra encomendada pela VIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

6º CONCERTO

Domingo 26 de novembro de 1989 17 horas  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

AQUILES PANTALEÃO	<i>Ping-pong</i> (fita magnética, estréia mundial)
RODOLFO CAESAR	<i>Introdução à pedra</i> (fita magnética, estréia mundial)
RODOLFO COELHO DE SOUZA	<i>Galáxias</i> (piano e fita magnética, 1ª audição no Rio de Janeiro) Sonia Vieira piano
TATO TABORDA	<i>Veredas</i> (voz, dois violões e outras coisas que soam) Marcia e Tato Taborda violões
CONRADO SILVA	<i>Espaços habitados</i> Anna Maria Kieffer meio-soprano Conrado Silva sintetizador
TIM RESCALA	<i>Bravo</i> Componentes Maria Teresa Madeira Lulu Pereira Ronaldo Diamante Oscar Bolão
JOCY DE OLIVEIRA	<i>Inori</i> (estréia mundial) Ricardo Rodrigues oboé Eduardo Ulonheiro flauta Jocy de Oliveira sintetizadores eletrônico

## 7º CONCERTO

Domingo 26 de novembro de 1989 21 horas  
Sala Cecília Meireles

ANGÉLICA FARIA

### *Questões*

Maria Cecília Pessini piano

HENRIQUE DAVID  
KORENCHENDLER

### *Onze Variações para piano*

Sonia Vieira piano

EMÍLIO TERRAZA

### *Tango para dois pianos, M. 37*

Sonia Vieira

Maria Helena Andrade pianos

WILLY CORREA DE OLIVEIRA

### *Nas asas de uma canção*

(estréia mundial)

Harold Emert oboé

Willy Correa de Oliveira piano

Roberto Oliveira percussão

RICARDO TACUCHIAN

### *Delaware Park suite* (1º audição no Brasil)

*Albright Knox Art Gallery*

*Picnic on the lawn*

*Outdoor concert*

Paulo Moura saxofone

Clara Sverner piano

RICARDO RAPOPPORT

### *Trio* (1º audição no Brasil)

Luis Carlos Justi oboé

José Botelho clarineta

Noel Devos fagote

TEREZA FAGUNDES

### *Éramos seis* (estréia mundial)

Andréa Ernst Dias flauta

Marcelo Oliveira clarineta

Lino Hoffman percussão

Miriam Braga e Sara Cohen piano a quatro mãos

Hariton Nathanailidis violino

Geraldo Monte viola

Ricardo Santoro violoncelo

HEITOR ALIMONDA

### *Estudos para um estudo instrumental*

Andréa Ernst Dias flauta

Marcelo Oliveira clarineta

Lino Hoffman percussão

Hariton Nathanailidis violino

Mauro Rufino violino

Geraldo Monte viola

Ricardo Santoro violoncelo

8º CONCERTO

Segunda-feira 27 de novembro de 1989 18 horas  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

JAMARY OLIVEIRA

*Piano piece*  
Alda Oliveira piano

JOÃO MENDES

*Yanar Mayú* (instrumentos andinos e percussão)  
Grupo Expele Metal

VERA TERRA

*Ícaro* (saxofone e fita magnética)  
Mecenas Magno saxofone

MÁRCIO CORTES

*Natureza sonora*  
Igor Levy Autas flauta  
Angelo dell'Orto violino  
Geraldo Monte viola  
Paulo Rossi Santoro violoncelo

ALDA OLIVEIRA

Texto Luciana Condé Basteianelli

*In memoriam* (primeira audição no Rio de Janeiro)  
Alda Oliveira piano  
Andrea Daltro voz  
Jamary Oliveira vibrafone  
Maria da Graça Ferreira bombo e carrilhão

CLAUDIA ALVARENGA

*Makanda-Ram* (coro)  
*Cantos da terra*  
Regente Claudia Alvarenga

JACEGUAY LINS

*Runas* (uma leitura quântica sonora, estréia mundial)  
Intérpretes a confirmar

ARTHUR KAMPELLA

*Polimetria* (para quatro violões preparados)  
**Quarteto Carioca de Violões**  
Maria de Jesus Haro  
Nicolas de Souza Barros  
Carlos Alberto Carvalho  
Werner Aguiar

9º CONCERTO

Segunda-feira 27 de novembro de 1989 21 horas  
Sala Cecília Meireles

ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM DO RIO DE JANEIRO

ODEMAR BRÍGIDO

*Fantasia de câmara*

CARLOS CRUZ

*A República*

MIGUEL KERTSMAN

*Amazônia* (primeira audição no Rio de Janeiro)

MURILLO SANTOS

*Missa brevis*

Coral da PUC e Coral da Escola de Música da UFRJ

Regente preparadora Lidia Poldorolski

Solista Carol McDavit soprano

ERNANI AGUIAR

texto Ziraldo Alvez Pinto

*O menino maluquinho*

Coro Infantil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Regente preparadora Elza Lakschevitz

Regente

ERNANI AGUIAR

10.º CONCERTO

Terça-feira 28 de novembro de 1989 18 horas  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

WALDEMAR MENDONÇA REIS

*Sonata para piano*

Katia Baloussier piano

ESTÉRCIO MARQUES CUNHA

*Música para flauta e piano*

(primeira audição no Rio de Janeiro)

Pauxy Nunes flauta

Robinson Machado piano

SÉRGIO DI SABBATO

*Sonata para piano*

Marcello Verzoni piano

SÉRGIO VASCONCELLOS CORREA

*Ponteio e choro*

Laís de Souza Brasil piano

CAMERATA PHILHARMONIA

PAUXY NUNES

*Duas miragens* (estréia mundial)

ROSEANE YAMPOLSHI

*O tempo que faz* (estréia mundial)

Solistas Lucila Tragtenberg soprano

Marcelo Coutinho barítono

PAULO LIBÂNIO

*A face de Adão*

HARRY CROWL JR.

*Concerto para violino, 12 instrumentistas e soprano*

Solistas Hariton Nathanailidis violino

Lucila Tragtenberg soprano

Regente

SÉRGIO DIAS

11.º CONCERTO

Terça-feira 28 de novembro de 1989 21 horas  
Sala Cecília Meireles

ORQUESTRA DE CÂMARA DO BRASIL

PAULO COSTA LIMA

*Ritorna Vivaldi e tutti*  
(primeira audição no Rio de Janeiro)

JOÃO GUILHERME RIPPER

*Concertino para viola e orquestra de cordas*  
(estréia mundial)  
*Moderato*  
*Andante*  
*Allegro*

Solista Marcelo Jaffé viola

MARISA REZENDE

*Telúrica* (primeira audição no Rio de Janeiro)

GUILHERME BAUER  
texto Gerson Valle

*Cantos báquicos* (estréia mundial)  
*Allegro*  
*Lento*  
*Allegro*

Solista Eládio Perez Gonzalez barítono

JORGE ANTUNES

*Poética II* (primeira audição no Rio de Janeiro)

Regente

ANGÉLICA FARIA

12º CONCERTO

Quarta-feira 29 de novembro de 1989 18 horas  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

GILBERTO CARVALHO

*Sonatina*

Maria de Jesus Itaro soprano

MARIA HELENA ROSAS  
FERNANDES

*Nakutnak* (primeira audição no Rio de Janeiro)

Quinteto Arte Instrumental

Andrea Ernst Dias flauta  
Elza Marins oboé  
Lena Verani clarineta  
Antonio Augusto trompa  
Aloysio Fagerlande fagote

ERNST MAHLE

*O flautista de Hamelin*

(primeira audição no Rio de Janeiro)

Francisco Homem flauta  
Luiz Carlos Justi oboé  
Lúcia Morelenbaum clarineta  
Aloysio Fagerlande fagote

AGNALDO RIBEIRO

*In-Kantus op. 51* (primeira audição no Rio de Janeiro)

Miriam Braga piano

LINDOLFO BICALHO

*Intermitências* (estréia mundial)

Eliane Kardosos piano  
Jairo Diniz viola  
Luiz Fernando Zamith violoncelo

FERNADO ARIANI

*Serenata*

Maria Teresa Madeira piano  
Ângelo dell'Orto violino  
Mauro Rufino violino  
Jairo Diniz viola  
Paulo Santoro violoncelo  
David Luis percussão  
Eliseu percussão

JOSÉ VIEIRA BRANDÃO

texto Dante Milano

*Soneto*

Eládio Perez Gonzalez barítono  
Sonia Vieira piano

NESTOR DE HOLLANDA CAVALCANTI

texto Bertold Brecht

*Canções da revolução*

Eládio Perez Gonzalez barítono  
Maria Jesus Haro violão

MARCO ANTÔNIO DA SILVA RAMOS

texto Gabriel Garcia Marques

*Tres historietas del viento*

Coral da ECA/USP

Regente

Marco Antônio Silva Ramos

## 13º CONCERTO

Quarta-feira 29 de novembro de 1989 21 horas  
Sala Cecília Meireles

GRUPO MULTIMEDIA DA FUNDAÇÃO DE  
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DE BELO HORIZONTE

### *NAVIO, NOIVA E GAIVOTAS*

Espetáculo multimeios

Direção e roteiro  
Composição

Ione Tiburcio Medeiros  
Rogério Vasconcellos Barbosa  
José Julião Junior  
Guilherme Paolielo

Coreografia

Ana Lana Gatelois  
Mônica Medeiros  
Paulo Jamarino

Fotografia

Márcia Charnizon

Músicos

Grupo de Música de Câmara da F.E.A.  
Adna Aparecida da Silva clarineta  
Cintia Gomes Zanco violino  
Conceição Nicolau voz  
Fernando Gloor oboé  
José Julião Junior violoncelo  
Rogério Vasconcellos Barbosa violão  
Guilherme Paolielo violão

Integrantes

Ana Lana Gastelois  
Conceição Nicolau  
Danilo Curtis Alvarenga  
Mônica Medeiros  
Paulo Jamarino

Iluminação

Manuela Rebouças

Produção

Carlos Eduardo Rezende

14.º CONCERTO

Quinta-feira 30 de novembro de 1989 18 horas  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

MARCOS MESQUITA	<i>Dos acentos</i> (piano solo, primeira audição no Rio de Janeiro) Vera di Domenico piano
JOSÉ AUGUSTO MANNIS	<i>Forge</i> (piano solo) (primeira audição no Rio de Janeiro)
LOURIVAL SILVESTRE	<i>Ilustrações vulgares</i> Nicolas de Souza Barros violão
LUIGI IRLANDINI	<i>Da natureza</i> Bruce Mack violino Eliane Kardosos piano
JOSÉ ALBERTO KAPLAN	<i>Sonata para trompete e piano</i> (primeira audição no Rio de Janeiro) Laís de Souza Brasil piano
EDMUNDO VILLANI CÔRTEZ	<i>Ciclo Cecília Meireles</i> (estréia mundial) Efigênia Côrtes soprano Edmundo Villani Côrtes piano
NELSON DE MACEDO	<i>Trio brasileiro</i> Trio da Escola Brasileira de Música Andrea Ernst Dias flauta Marcelo Fortuna cavaquinho Bartolomeu Wiese violão
ELI-ERI LUIZ DE MOURA	<i>Variações</i> (clarineta, violoncelo e piano) Eduardo Lakschevitz clarineta Paulo Santoro violoncelo Sara Cohen piano

15.º CONCERTO

Quinta-feira 30 de novembro de 1989 21 horas

Sala Cecília Meireles

ORQUESTRA DE CÂMARA DE BLUMENAU

HENRIQUE DE CURITIBA

*Serenata noturna*

*Cortejo*

*Serenata*

*Valsa*

*Final jocoso*

OSVALDO LACERDA

*Andante para cordas* (primeira audição no Rio de Janeiro)

EDINO KRIEGER

*Três imagens de Nova Friburgo*

*Nevoeiros*

*Corredeiras*

*Montanhas*

CAMARGO GUARNIERI

*Improvisação para flauta e cordas*

Solista Norton Morozowicz

RONALDO MIRANDA

*Concertino para piano e orquestras de cordas*

*Allegro*

*Allegretto*

Solista Glaci Antunes de Oliveira

Regente

NORTON MOROZOWICZ

## AGNALDO RIBEIRO

N-KANTUS, OP. 51 OU O CENTAURO NCANTADO

Baiano de Jequié, nasceu em 1943. Faz parte do Grupo de Compositores da Bahia. É professor de teoria, composição, orquestração e literatura/estruturação musical na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Atualmente é também chefe do Departamento de Composição, Literatura e Estruturação Musical da mesma Escola.

Tem participado de vários festivais e recebido diversos prêmios em concursos. Com o quarteto de cordas *Centaurus* por exemplo, recebeu menção honrosa no Concurso Latino-americano Agrupación Beethoven, em Santiago do Chile, em 1979 e também no mesmo ano representou o Brasil no World Music Days, Festival da Sociedade Internacional de Música Contemporânea realizado em Atenas.

*In-kantus, op. 51 ou O centauro encantado*, é quase um jogo ou brincadeira entre notas ré e mib, onde desde o início o ré (região aguda) e o mib (região grave) parecem dialogar a uma certa distância, durante os 12 compassos iniciais. Nos oito compassos seguintes as duas notas citadas começam a se misturar, tornando-se aos poucos uma relação mais próxima. Gradativamente vão se acrescentando outros elementos, porém os dois sons (ré - mib) estarão presentes por mais de dois terços da obra. Lá próximo do final e com intensidade entre forte e fortíssimo, é marcante a volta do ré-mib, ora mais próximo, hora simultâneos. A peça culmina com o acorde final, onde aparece não mais o fortíssimo e sim o piano; na mão esquerda o acorde em ré menor e na direita o acorde em Mi bemol maior, formando, os dois, um único acorde.

## ALDA OLIVEIRA

IN MEMORIAM

Nascida em Salvador, Bahia, membro de Grupo de Compositores da Bahia e membro fundador da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, iniciou seus estudos de graduação no Instituto de Música da UCSAL (piano) e na Escola de Música da UFBA (piano e educação musical). Em seguida fez mestrado na Universidade Tufts em Medford, Boston e doutorado na Universidade do Texas, em Austin. Estudou piano com os professores Terezinha Região, Conceição Bittencourt, Fernando Lopes e especializou-se com os professores Pierre Klose, Amanda-Vick Lethco e Martha-Hilley. Estudou composição com Thomas Jefferson Anderson, participando de seminários com os professores Ernst Widmer, Peter Maxwell Davies e membros do Grupo de Compositores da Bahia. Estudou educação musical com os professores Ernst Widmer, Paolo e Mariagnese Knill-Cataneo e Judith Jellison, tendo participado de cursos de especialização no nível de graduação e pós-graduação como aluna e docente.

Desde 1967 é professora da UFBA, com atividades docentes e de performance nas áreas de educação musical (metodologia), piano (coordenação do projeto Iniciação Musical com Introdução ao Teclado - IMIT) e execução de obras para piano de compositores contemporâneos.

É detentora de prêmios em piano e composição e suas obras são executadas no Brasil e exterior; tem sua obra *Bahianas* gravada em disco da Funarte e um disco onde executa a *Prole do bebê n.º 2*, de Villa-Lobos e *Piano piece*, de Jany Oliveira. *In memoriam* reflete, contempla e estampa imagens e lembranças do compositor baiano Lindemberg Cardoso: a peça é uma homenagem singela à sua memória, inspirada na poesia de Luciano Condé Bastianelli.

## ALMEIDA PRADO

PEQUENOS FUNERAIS CANTANTES

Nasceu em Santos em 1943. Estudou no Brasil com Dinorah de Carvalho, Camargo Guarnieri e Osvaldo Lacerda; em Paris, com Nadia Boulanger e Olivier Messiaen, de 1969 a 1974. É autor de numerosas obras, apresentadas com frequência nos festivais de músicas nova da Europa e das Américas.

Diversas vezes premiado, Almeida Prado conquistou o primeiro lugar no Festival de Música da Guanabara com a cantata *Pequenos funerais cantantes* e duas vezes o Prix Lili Boulanger. Obteve prêmio no concurso Ars Nova, de Belo Horizonte; o prêmio APCA, pela melhor obra para instrumento solista; e o prêmio Esso de Música Erudita com *Crônica de um dia de verão*, para clarinete e orquestra de cordas.

Sua obra para piano *Cartas celestes* — volumes I a —, foi gravada em três discos por Fernando Lopes, em 1982 (selo Eldorado).

A APCA premiou seu *Trio marítimo* como a melhor obra de câmara de 1984. Recentemente terminou a ópera *A febre amorosa*, com libreto de Eustáquio Gomes. Além de compositor, Almeida Prado é titular de composição e diretor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp.

A cantata *Pequenos funerais cantantes*, composta em janeiro de 1969, é uma obra ainda muito rudimentar, com orquestração tímida e tateante, de acordo com o compositor, embora ressalte alguns momentos que não hesitaria, ainda hoje, escrevê-los tal como o foram naquela época, há vinte anos atrás: o início, com efeitos superagudos nos violinos, o canto I, com seus melismas gregorianos-atonais, o canto II, a área do tenor, e o canto IV, com seu pontilhismo à la Boulez.

O poema de Hilda Hilst, que é uma homenagem ao poeta Carlos Maria Araújo, reflete uma pungente declaração fúnebre sobre a morte deste poeta, num acidente de avião, que o compositor decidiu traduzir em música.

## ANGÉLICA FARIA

QUESTÕES

Carioca, nascida em 1957, iniciou seus estudos musicais com Nadir Faria. Aos 15 anos ingressou no Instituto Villa-Lobos. Em 1979 licenciou-se em educação musical pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde, em 1983, concluiu o curso de especialização em iniciação musical. Na mesma escola, atuou, em 1984, como professora convidada de especialização em iniciação musical e graduou-se em composição, no ano seguinte, e em regência, em 1986.

De 1980 a 1985 foi assistente de pesquisa da musicóloga Cleofe Person de Mattos. Dirigiu os Curumins, da Associação de Canto Coral, em 1987 e 1988. Suas composições têm sido apresentadas em diversas mostras de música contemporânea como os Panoramas da Música Brasileira Atual e as Bienais de Música Brasileira Contemporânea. Em 1982 idealizou e organizou a I Mostra dos Novos Compositores e Intérpretes.

Em 1985, *Três tempos com insistência*, para flauta e fagote, foi indicada para representar o Brasil na Trimalca, da Unesco; o quinteto de sopros *Romaria* recebeu, em 1987, menção honrosa no Concurso Nacional de Composição Villa-Lobos. Atualmente leciona na Escola de Música Villa-Lobos, onde participa da implementação de projeto pedagógico, através da disciplina introdução dos elementos da linguagem musical. Leciona, também, no Conservatório Brasileiro de Música, nos cursos de graduação, educação artística e musicoterapia.

Dedicada a Nadir Faria, sua tia e primeira orientadora, *Questões* constitui-se de quatro movimentos. Nestes sobrepõe-se atitudes diversas na colaboração de parâmetros sonoros. Desta forma, nos planos que emergem, desenvolvem-se questões, e não afirmações, quanto ao material proposto nos primeiros compassos da obra.

## ANTONIO JARDIM DOIS EPITÁFIOS

Carioca, nascida em 1953, iniciou os estudos musicais em 1958, prosseguindo-se mais tarde no Conservatório Brasileiro de Música, onde estudou violão com Valter de Souza.

Graduado em composição, em 1981, pela Escola de Música da UFRJ, estudou, ainda, harmonia com Guerra-Peixe, análise com Esther Scliar e H.-J. Koellreutter e composição com Christopher Bochmann.

É pós-graduado, em nível de especialização em musicologia, etnomusicologia e educação musical pelo Conservatório Brasileiro de Música, do qual é professor e onde, em 1988, apresentou sua dissertação de mestrado: *A Produção Musical e o Ensino de Música — um Estudo Filosófico*. Premiada no II e III Concursos de Composição da Escola de Música da UFRJ, tem participado de vários eventos ligados à criação musical contemporânea: *Panorama da Música Brasileira Atual*, *Bienal de Música Brasileira Contemporânea*, *Encontro Latino-americano de Compositores*, em Belo Horizonte, e *Mostras dos Novos Compositores*.

Em 1983, sua peça *Estágios*, coreografada por Anne Westphal, foi apresentada na Escola de Música de Dança da Sorbonne, em Paris, bem como em Colônia, Alemanha, no *Coreographischer Wettbewerb*. Em novembro de 1986, integrou, como convidado, o júri do prêmio de Musicologia Casa de Las Americanas, em Havana, Cuba; no ano seguinte representou o Brasil, na qualidade de compositor, no Festival de Música contemporânea de Havana.

*Dois epitáfios* é uma peça constituída com base em dois breves textos de Ezra Pound. O primeiro deles diz: "FU-í amava a alva e alta nuvem/Ai! morreu de álcool!". O segundo diz: "Também LI-PÔ morreu bêbado/Querida abraçar a lua/No rio amarelo". A peça se desenvolve em sete movimentos. Cada um dos epitáfios recebem o mesmo tratamento e a mesma estrutura: Chamada, Cortejo e Epitáfio. Um Final encerra a obra.

## AQUILES PANTALEÃO PING-PONG

Nasceu em São Paulo, em 1965. Estudou na Escola de Música Villa-Lobos e foi aluno de violão de Manoel Décio Estigarribia e Nélcio Rodrigues. Sob a orientação de Marlene Fernandes estudou composição e análise e, com Rofoldo Caesar, composição e técnica eletroacústica. Em cursos de férias frequentou as classes de Jorge Peixinho e Oscar Bazán. Atuou como integrante do grupo de música experimental Expele Metal, ao lado de Tato Tabora, dedicando-se atualmente à música eletroacústica, tendo-se apresentado em eventos relacionados à música contemporânea.

Em *Ping-pong*, afirma Aquiles Pantaleão: "A esfera luta contra a gravidade, mas acaba por submeter-se a ela. Ao quicar, a bolinha de ping-pong revela uma contínua alteração de ritmo (frequência) e dinâmica (amplitude), acelerando e decrescendo até o estado de repouso. Frequência e amplitude, dois valores básicos e fundamentais na criação musical, estão aqui caracterizados na própria bolinha, que passa por inúmeras variações e eventualmente ressurge em sua forma original. A bolinha de ping-pong foi precessada através de meios analógicos e digitais."

## ARTHUR KAMPELLA POLIMETRIA

Carioca, 29 anos, Arthur Kampella é compositor e ator. Bacharelou-se em composição pelo Conservatório Brasileiro de Música nas classes dos professores Ricardo Tacuchian e Henrique David Korenchandler (1986). Estudou também técnicas eletroacústicas com Rodolfo Caesar (1984) e composição com Hans-Joachim Koellreutter (1988). Atualmente estuda técnica vocal sob a orientação de Eládio Perez Gonzalez e harmonia com Ian Guest.

Como compositor tem feito músicas para teatro, vídeo e curtas-metragens. Atua ainda, tanto em mostras e bienais ligadas ao circuito da música contemporânea quanto em shows e espetáculos multimídia de música popular. Elaborando um trabalho de fusão com materiais e linguagens múltiplas, Kampella lançou este ano seu primeiro Lp.

*Polimetria*, para quatro violões, iniciada em meados de 1988, é fruto de uma pesquisa radical e consequente quanto ao aumento do potencial timbrístico do instrumento e ao papel do intérprete na feitura de novos sons. Com o auxílio de 'objetos-extensores' dos dedos (que funcionam ao modo de um violão preparado), obtém-se a transformação/ampliação do som original sem a intervenção de moduladores eletrônicos. Trabalhando com quatro famílias distintas de objetos, a saber 1) madeira, 2) plástico, 3) metal e 4) vidro, foi possível operar uma verdadeira 'desconstrução auditiva', onde os recursos conseguidos acusticamente estariam como que desvinculados dos recursos tradicionais do violão. Gera-se assim uma associação criativa com campos timbrísticos provenientes da música eletrônica e concreta e cria-se, simultaneamente, uma nova técnica de manipulação.

A obra é dividida (até agora) em cinco seções e parte de uma estética de fragmentação temporal onde cada movimento adota medições e grafias diferenciadas. Daí o nome da peça, *Polimetria*, encomendada pelo Quarteto Carioca de Violões, e dedicada ao próprio e a Hans-Joachim Koellreutter.

## BRENNO BLAUTH PRESSÁGIOS T.81

Nasceu em Porto Alegre, em 1931. Estudou piano e harmonia com João Schwartz Filho e, mais tarde, contraponto e composição com Ênio de Freitas e Castro, em sua cidade natal, e com Paulo Silva e Newton Pádua, no Rio de Janeiro.

Em 1962 fundou o Movimento Musical Renovados, grupo que propunha divulgar a música brasileira nova e pouco promovida. Fixou-se em São Paulo, em 1963, onde reside até hoje.

É detentor de vários prêmios de composição. Entre suas obras, bastante divulgadas no Brasil e exterior, estão o *Concertino para oboé e cordas*, o *Quinteto de sopros T.18*, a *Sonata para viola e piano*, *Aboio, Iaci-Uarú* (ambas para coro), *Elegia* (para orquestra e violoncelo com amplificação eletrônica), *Sepé-Tiarajú* (para coro e orquestra) e *Pasárgada*. Nos últimos anos dedica-se à composição de inúmeras canções e peças para coral. Desse período destacam-se a segunda versão do *Belo Belo* e os *Seis poemas de amor T.68*. Brenno Blauth compôs quase uma centena de peças (para piano, voz, coral, câmara e orquestra), das quais 13 estão gravadas em disco e 28 editadas comercialmente.

*Presságios*, composição de 1989, é uma peça concebida para quatro trombones e cinco percussionistas. Amorfa, consta de várias partes interligadas sem qualquer relação mútua. O repique de sinos inicial indica início ou fim de guerra. Seguem-se várias partes com um presumível chamado às armas. Outras traduzem sarcasmo, fim e recomeço. Paire por vezes uma ameaça ou uma esperança. Os presságios de coisas boas/más a acontecer são nitidos como a baça imagem (i)lógica do binômio coraçãorazão. A conclusão pode ser um chamado à vida ou à morte, com os trombones ululando em uníssono sobre pesada bateria em compasso de marcha. No último compasso, em dez segundos algo rola, atritando-se sobre o solo calcinado da ex-Amazônia.

## CAMARGO GUARNIERI

TRIO E IMPROVISACÃO

Filho de imigrantes italianos, nasceu em Tietê, São Paulo, em 1907. Estudou na capital paulista com Ernani Braga, Sá Ferreira, Lamber-to Baldi e Mário de Andrade, este último tornando-se, além de mestre, seu guia estético e orientador intelectual.

Por recomendação de Alfred Cortot — que, em visita a São Paulo, em 1936, ouviu algumas obras do jovem compositor — Camargo Guarnieri recebeu uma bolsa de estudos para se aperfeiçoar na França, partindo para Paris em 1938, onde recebeu orientação de Keochlin e Ruhlman.

De volta ao Brasil, fez-se um ardoroso defensor da estética nacionalista, combatendo as idéias de Koellreutter e seus discípulos na famosa “Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil”.

Tornou-se também um professor incansável, formando uma plêiade de compositores já identificados por alguns como a “escola paulista de composição”. Verdadeiro recordista de prêmios musicais, no Brasil e exterior, Camargo Guarnieri é especialmente conhecido nos Estados Unidos, onde regeu em primeira audição diversos trabalhos orquestrais de sua autoria.

O *Trio para violino, violoncelo e piano* é a primeira obra de Guarnieri com essa formação camerística, tendo sido encomendada ao autor pela Funarte para ser estreada durante a VIII Bienal. A peça divide-se em três movimentos: Enérgico, Magoado e Com alegria. No primeiro movimento — Enérgico — circula uma célula rítmica que ora está com o violino, ora com o violoncelo, ora com o piano, alternadamente. Depois de um longo desenvolvimento, chega-se à re-exposição, com algumas variantes do começo. O segundo movimento — Magoado — tem uma linha

melódica tristonha que se desenvolve num ambiente bastante expressivo. O terceiro tempo — Com alegria — caracteriza-se pelo aproveitamento de síncopes brasileiras, às vezes lembrando uma embolada. O ambiente é alegre e festivo.

A *Improvisação para flauta e cordas* foi composta em 1987 e estreada no mesmo ano pela Orquestra de Câmara de Blumenau com Norton Morozowicz, a quem a peça é dedicada. A obra foi elaborada numa forma ternária ABA, sendo precedida por uma pequena introdução que reaparece ao final, como coda. A peça alterna o caráter virtuosístico para a flauta solista com seqüências de grande expressão melódica.

## CARLOS CRUZ

A REPÚBLICA

Nascido em Vitória, Espírito Santo, iniciou sua formação musical sob a orientação de Clóvis Cruz, seu pai, tendo sido mais tarde aluno de piano de Áurea Adnet.

Em 1957 transferiu-se para o Rio de Janeiro, ingressando nos Seminários de Música Pró-Arte, onde estudou com Hans Graff (piano), Esther Scliar (teoria) e Roberto Schnorrenberg (harmonia). A partir de 1970 passou a estudar com Guerra-Peixe, a quem deve muito de sua formação como compositor.

Com muitas peças editadas e gravadas, sua produção inclui obras para orquestra, coro, música de câmara e peças didáticas, destacando-se *Gravuras do Nordeste*, para violão e orquestra, *Suíte Dona Beija*, para orquestra, *A invasão*, para 12 instrumentos de percussão, *Suíte em três movimentos*, para cordas, *Intervalos*, para orquestra de cordas, quarteto de saxofones ou quarteto de cordas, *Igreja dos negros*, para piano a quatro mãos e *Duas modinhas*, para canto e piano. Sua coleção de cinquenta peças progressivas para piano, *Brasil: música na história*, lançada há pouco tempo, recebeu elogios da crítica e de nomes importantes do meio musical.

A *República*, extraída de sua coleção *Brasil: música na história*, representa a homenagem do compositor aos cem anos de República no Brasil. A peça se inspira em alguns fatos e personagens importantes de nossa história republicana e foi escrita para orquestra de câmara.

## CARLOS STASI

HANEMAN

Nasceu em São Paulo, em 1963. Graduiu-se em 1984 no Curso de Bacharelado em Percussão do Instituto de Artes do Planalto da Unesp, onde estudou com John Boudler. Participa do grupo PIAP (Percussão do Instituto de Arte do Planalto) desde 1982 e hoje, além de intérprete, é co-diretor do conjunto. Seu trabalho como compositor é direcionado para a música contemporânea para percussão.

*Haneman* é resultado de uma pesquisa desenvolvida desde 1983 com instrumentos raspadores (reco-reco), buscando novas técnicas e procurando estabelecer uma grafia musical própria. A obra, escrita para dois percussionistas, faz parte do trabalho experimental que o autor realiza com Edson Giansi.

## CIRLEI DE HOLLANDA

### VITÓRIA

Carioca, iniciou seus estudos musicais com Nayl Lucas, ingressando posteriormente na Escola de Música da UFRJ, onde preparou-se em composição com Henrique Morelenbaum. Em 1977 recebeu o primeiro prêmio no Concurso de Composição para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea, na categoria de obra sinfônica, com a cantata *Isto é aquilo — Palavra*, sobre texto de Carlos Drummond de Andrade.

A maior parte da produção de Cirlei de Hollanda é destinada a vozes. Sua *Topologia do medo*, sobre texto de Haroldo de Campos, foi gravada pelo Coral Harmonia, através do Pro-Memus (Funarte), que já havia anteriormente editado a partitura, bem como outra peça da autora no âmbito da música coral, a *Suíte da Arca de Noé*, para vozes infantis, sobre texto de Vinícius de Moraes.

Carlos Drummond de Andrade é o escritor predileto da compositora. Suas obras, apresentadas nas VI e VII Bienais de Música Brasileira Contemporânea, foram baseadas em textos de Drummond: *Projeto de carta* (1985), para barítono solo, e *O que se diz* (1987), para barítono, soprano e clarineta.

Drummond é também o autor do texto de *Vitória*, para voz e orquestra, obra composta em 1983, em homenagem aos oitenta anos do poeta. A peça estreou nesse mesmo ano, na Série Música do Século XX do Jornal do Brasil, com a OSB e Lúcia Dittert, sob a regência de Osman Gioia.

Cirlei de Hollanda acaba de ver concretizado o seu mais precioso projeto: a ópera *Judas em Sábado de Aleluia*, que compôs a partir da peça homônima de Martins Penna, estreou em outubro, com sucesso de público e crítica, inaugurando o Teatro do Centro Cultural do Banco do Brasil, com regência de Henrique Morelenbaum e direção cênica de Sérgio Brito.

## CLAUDIA ALVARENGA

### MAKANDA-RAM

Carioca, nascida em 1968, iniciou seus estudos com Heloísa Paranhos. Fez o curso técnico de piano no Conservatório Brasileiro de Música e desde 1986 estuda piano sob a orientação da pianista Linda Bustani. Ingressou na Universidade do Rio de Janeiro, onde, atualmente, frequenta o curso de licenciatura em educação artística — música. Dentre os seus professores destacam-se Hélio Sena (música de câmara), Silvio Merhy (teclado), Carol Gubernikoff (análise), Roberto Gnattali (arranjo) e Antonio Guerreiro (harmonia).

No ano passado, sob a coordenação do professor Hélio Sena, formou-se o grupo Cantos da Terra do qual Claudia Alvarenga é integrante. Este grupo se dedica à pesquisa e incorporação dos recursos expressivos das diferentes culturas musicais e criação musical. Através desse trabalho surgiu a peça *Makanda-Ram*.

Composta em 1988, a obra apresenta duas seções curtas onde as partes solistas são de caráter improvisador. Mas, seu maior interesse está no trabalho de recursos e timbres vocais, utilizando sons guturais e percussivos sem altura definida.

## CLAUDIO SANTORO

### SINFONIA Nº 14

Amazonense, nascido em 1919, realizou estudos de piano com Edgar Guerra e de composição com H.-J. Koellreutter. Foi, ainda, aluno de Nádia Boulanger em Paris, onde também estudou regência. Foi um dos fundadores da Orquestra Sinfônica Brasileira e do Grupo Música Viva, contribuindo para a renovação da música no Brasil. Dodecafonista em sua fase inicial, adotou a estética nacionalista entre 1948 e 1960, quando se voltou para os movimentos de vanguarda. Ultimamente compunha livremente, sem deter-se nesta ou naquela corrente contemporânea. Santoro exerceu importantes cargos, no Brasil e exterior, destacando-se a cátedra de regência na Escola Superior de Música de Mannheim, Alemanha. Foi, também, professor da Universidade de Brasília e regente titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Santoro faleceu em março de 1989, deixando uma das mais extensas (e melhores) produções da música brasileira de concerto. A *Sinfonia n.º 14*, que terá sua estréia nesta Bienal, foi especialmente encomendada pelo Instituto Nacional de Música da Funarte para o evento, tendo sido concluída por Santoro em janeiro deste ano em Baden-Baden, Alemanha.

## CONRADO SILVA

### ESPAÇOS HABITADOS

Nasceu em Montevideu, Uruguai, em 1940, onde estudou composição com Héctor Tosar. Posteriormente trabalhou sob a orientação de John Cage, K. M. Stockhausen, P. Boulez, L. Berio e H. Pousseur. Exerce intensa atividade didática, tendo lecionado composição na Universidade de Brasília, na UNESP, na UniRio e na Universidade Federal de Minas Gerais. Foi o fundador dos Cursos Latino-americanos de Música Contemporânea, em 1971, e das escolas Travessia-Oficina de Música, em 1976, e Syntesis-Tecnologia Musical, em 1986. Entre suas principais composições destacam-se: *Musik fuer Zehn Kofferradiogeräte*, *Marat-Sade*, *Compulsión hombrhistórica*, *Parasexteto*, *Equus*, *Polaris*, *Círculo mágico ritual* e *Pericón*.

Segundo Conrado Silva, *Espacos habitados*, composto em 1988, é um megalho introspectivo no qual a voz rastreia ao nível do subconsciente diferentes espaços sonoros, criados por um computador, que reproduz fielmente as características desses espaços, verdadeiros ou fantásticos. Sintetizadores digitais contribuem para a habitabilidade desses espaços. A composição teve a participação importante da meio-soprano Anna Mario Kieffer.

## EDINO KRIEGER

TRÊS IMAGENS DE NOVA FRIBURGO

Nasceu em Brusque, Santa Catarina, a 17 de março de 1928. Iniciou aos sete anos estudo de violino com seu pai, Aldo Krieger, obtendo em 1943 bolsa de estudo do governo do estado para o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, onde iniciou estudos de harmonia, contraponto e composição com H.-J. Koellreutter.

Em 1948 obteve bolsas de estudo para o Berkshire Music Center de Massachusetts, EUA, com Aaron Copland. Estudou em seguida na Juilliard School of Music de Nova Iorque, com Peter Mennin. Em 1955 obteve bolsa de estudos do Conselho Britânico e estagiou por um ano em Londres, sob a orientação de Lennox Berkeley.

Suas obras têm sido executadas e gravadas no Brasil e exterior. Entre os prêmios que lhe foram conferidos incluem-se o Golfinho de Ouro de 1969 e 1989, Medalha de Ouro do Festival Internacional da Canção Popular em 1967 e 1968, primeiro prêmio do 1.º Concurso Nacional de composição do MEC em 1969, troféu Barriga Verde de 1977, Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura e Belas Artes da Polônia, em 1984, Medalha do Mérito Anita Garibaldi, em 1986 e Prêmio Shell, de 1987. Além de suas atividades como compositor, tem exercido diversas funções públicas, como diretor musical da Rádio MEC, diretor artístico da Funterj, diretor do Instituto Nacional de Música da Funarte, cuja presidência assumiu este ano. Criou e coordenou os Festivais de Música da Guanabara de 1969 e 1970 e é autor do projeto das Bienais de Música Brasileira Contemporânea.

As *Três imagens de Nova Friburgo* datam de 1988 e foram compostas por encomenda das Secretarias de Cultura de Nova Friburgo e do Município do Rio de Janeiro. Sua estréia mundial realizou-se em concerto da Orquestra de Câmara da Cidade do Rio de Janeiro, sob a regência de Lev

Markiz, a 21 de agosto de 1988, na Escola de Música da UFRJ.

Segundo o próprio autor, *Três imagens de Nova Friburgo* é uma suíte ecológica em três movimentos breves, cada qual procurando registrar um detalhe da paisagem da cidade serrana. Não se trata de uma obra descritiva, mas de uma equivalência sonora de elementos estático-dinâmicos da natureza.

O primeiro movimento, intitulado Nevoeiros, é um painel de massas sonoras de diferentes graus e densidades, consistência e transparência, em estado de suspensão no espaço acústico.

O segundo movimento, Corredeiras, procura a idéia de uma massa cambiante mas de curso constante, que se enuncia na forma de um trinado e que assume, gradativamente, pequenas variantes em cada instrumento, tal como o borbulhar das águas de um riacho ao encontro de pequenos obstáculos em seu caminho, formando eventualmente pequenas cascatas ou torrentes, para depois voltar ao seu curso tranquilo e permanente.

O terceiro movimento, intitulado Montanhas, é uma seqüência de linhas vigorosas que se desenham no espaço, formando uma cadeia de elevações e depressões sinuosas representadas por pequenas e incisivas cadências de instrumentos solistas e pelas pesadas massas compactas do *tutti* da orquestra.

## EDMUNDO VILLANI CÔRTEZ

CICLO CECÍLIA MEIRELES

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1930. Formou-se em piano e matérias complementares pelo Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro, retornando à cidade natal. Ali, lecionou no Conservatório local e apresentou suas primeiras composições através da Orquestra Filarmônica de Juiz de Fora, sob a regência de Max Geffer. Em 1958 transferiu-se para São Paulo onde estudou composição com o maestro Camargo Guarnieri e aperfeiçoamento em piano com o professor Kliass. Em 1974, a convite do maestro Bernardo Federowski, iniciou suas atividades como professor, lecionando arranjos e improvisação na FAP Arte. Iniciou uma seqüência de apresentações como regente e instrumentista em recitais de composições de sua autoria, a partir de 1979.

Foi contratado, em 1982, pelo Instituto de Artes (UNESP), como professor de contraponto e composição. Fez mestrado em composição na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do maestro Henrique Morelenbaum. Dentre suas premiações, destacam-se: vencedor do concurso de composição organizado pelo Instituto Goethe para escolha de uma peça brasileira a ser executada pelo Noneto de Munich; vencedor da Feira Livre da MPB, promovida pela TV Cultura de São Paulo; primeiro lugar na categoria violão e segundo lugar na categoria piano, no Concurso Nacional de Composição, promovido pela Editora Cultura Musical de São Paulo.

O *Ciclo Cecília Meireles* é baseado em peças coletadas de diversos poemas da autora, dentre eles o "Cântico XXV", "Do caçador feliz", "Imaginária serenata", "Da música de Maria Iligênia" e "Motivo". Foi escrito no período de 1985 a 1987, durante o curso de mestrado em composição realizado na Escola de Música da UFRJ, sob a orientação do maestro Henrique Morelenbaum.

## EDUARDO GUIMARÃES ALVARES

ESTUDO N.º 1 PARA MARIMBA E VIBRAFONE

Nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, em 1959. Graduiu-se em composição pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Estudou com Dante Grela, Gilberto Mendes, Hans Joachim Hespos, Marlos Nobre e Aylton Escobar.

Em 1985 classificou-se no Concurso Nacional de Composição para a VI Bienal de Música Brasileira Contemporânea com *Três canções*, para barítono e clarinete, obra que também foi classificada pela III Trimalca, organizada em nome do Conselho Internacional de Música a Unesco. Participou, também, da VII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, com a peça *Estórias*, para trombones e *tape*.

Atualmente é professor de música cênica na Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte. Dirigiu diversos espetáculos cênico-musicais e coordena, desde 1986, o Ciclo de Música Contemporânea de Belo Horizonte, que vem se tornando o principal espaço de divulgação da nova música em Minas Gerais.

No *Estudo n.º 1 para marimba e vibrafone*, dois problemas da composição rítmica são trabalhados: deslocamento e defasagem de segmentos métricos de diferentes tamanhos e permutação de células rítmicas na construção de uma frase musical.

Na primeira seção, sobre um fundo formado por pulso regular de acordes, fragmentos melódicos sobrepostos vão, pouco a pouco, sendo deslocados, defasados e voltam a se encontrar, e, a cada encontro, há uma variação da figura melódica. Assim se cria a imagem sonora de focalização e desfocalização, dentro de uma repetição constante mas sempre variada, dos segmentos métricos.

Na segunda seção, uma frase rítmica vai sendo construída e, a cada repetição, novas células rítmicas vão sendo acrescentadas. Dentro da extensão total da frase, esse material novo acrescentado vai permutando e variando a percepção da construção e dos acentos, criando a idéia de um *ostinato* progressivo.

## ELI-ERI LUIZ DE MOURA

### VARIAÇÕES

Nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1963. Iniciou os estudos musicais aos nove anos e teve como professores Gerardo Parente, Miriam Ciarlino (piano) e de José Alberto Kaplan (composição e regência). Participou de vários cursos de férias em Brasília e no Rio de Janeiro, tendo aulas de piano com Markward Glantschning e Daisy de Luca, composição com Critopher Bochmann e regência com Claudio Santoro.

Graduou-se no curso de bacharelado em música pela Universidade Federal da Paraíba, em 1985 e, em 1988, concluiu o curso de especialização em música do século XX, pela mesma Universidade.

Durante o ano de 1986 foi regente titular do Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor de composição na Escola de música Anthenor Navarro do estado da Paraíba e regente titular do Coral Universitário da Paraíba e do Grupo Anima, com os quais vem desenvolvendo uma imensa atividade de divulgação do canto coral no país.

A peça *Variações*, para clarinete, violoncelo e piano foi composta em março de 1984, quando o autor contava com vinte anos. Foi escrita a pedido do Trio de Câmara da Universidade Federal da Paraíba para ser incluída no disco *Autores e intérpretes*, da UFPB/Funarte.

A obra é constituída de tema mais cinco variações, tendo as duas últimas as suas estruturas formais ampliadas. A música é explicitamente tonal.

## EMÍLIO TERRAZA

### TANGO PARA DOIS PIANOS M. 37

Nascido em Baia Blanca, Argentina, em 1929, estudou piano com R. Herlich e composição com J. Sicher (Buenos Aires) e Tony Aubin (Paris). No Rio de Janeiro foi aluno de regência de Raphael Baptista. Adquiriu a cidadania brasileira em 1960. De 1959 e 1964 foi regente assistente da Orquestra Sinfônica da UFRJ e, de 1962 a 1968, orientador musical do Conselho Federal da Ordem dos Músicos do Brasil, onde teve sob sua responsabilidade a direção do Serviço de Documentação Musical. Ainda no Rio de Janeiro foi coordenador do Curso de Formação de Professores do Instituto Villa-Lobos e professor do Conservatório Nacional de Teatro.

De 1969 a 1972 tornou-se professor da Universidade de Brasília e, de 1972 a 1975, lecionou na Universidade Federal do Piauí. Em 1975 voltou ao Distrito Federal, onde reside até hoje, integrando ao corpo docente do UnB. Atualmente é professor de composição desta Universidade e responsável pela Oficina de Música, que vem despertando interesse no Brasil e exterior pela metodologia do trabalho desenvolvido. Em 1987 foi o Coordenador do I Festival Latino-americano realizado em Brasília. Terraza acaba de chegar dos Estados Unidos, onde realizou, a convite da Universidade de Indiana, duas conferências sobre o tema Padrões de Identidade para a Música Latino-americana.

O *Tango para dois pianos M. 37* — como os outros oito tangos escritos pelo compositor — poderia ter sido uma sonata, uma suíte ou qualquer outra forma. O autor não estipula fronteiras para seus trabalhos, uma vez que não faz distinção entre música popular e música erudita. Não pretende confundir gênero, como tratamento. O gênero pode ser popular, clássico etc., mas o tratamento deve ser sempre erudito, sem subestimação (não confundindo-o com sofisticação), embora a música do gênero popular nem sempre exija grandes níveis de complexidade.

## ERNANI AGUIAR

### O MENINO MALUQUINHO

Nasceu em Petrópolis, em 1950. Estudou regência e violino no Brasil, na Alemanha e Itália, onde obteve o título de maestro de capela. Na composição deve sua formação quase totalmente a Guerra-Peixe.

Sua maior atividade atual é a regência, com atuação no Brasil e, frequentemente, no exterior. É responsável por numerosas primeiras audições mundiais, nacionais e estrangeiras. Pesquisou e encontrou várias obras de autores do período colonial brasileiro. Foi coordenador dos projetos Orquestras e Espiral do Instituto Nacional de Música da Funarte. É atualmente professor de regência da Universidade do Rio de Janeiro (UniRio) e regente assistente da Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro. Dirige, ainda, o Coral Municipal de Petrópolis.

Como compositor, tem obras para orquestra, coro e orquestra, coro e capela e para diversas combinações vocais e instrumentais.

O texto de Ziraldo está colocado em sua cantata para coro infantil e pequena orquestra, dividida em sete partes, retratando todo o comportamento do personagem de *O menino maluquinho* em suas canções, reações e sentimentos.

A música procura fugir a qualquer compexidade por ser justamente dirigida a um público infantil; deve ser interpretada por novíssimos cantores e uma jovem orquestra.

## ERNST MAHLE

### O FLAUTISTA DE HAMELIN

Natural de Stuttgart (1929), Alemanha, onde estudou com J. Nepomuk David, e no Brasil com H.-J. Koellreutter. Em cursos internacionais de férias recebeu a orientação de Olivier Messiaen, Wolfgang Fortner e Ernest Krenek, aperfeiçoando-se em regência com L. von Maticic, Rafael Kubelik e Mueller-Kray.

Está no Brasil desde 1951 e foi um dos fundadores da Escola de Música de Piracicaba, onde exerce as funções de diretor artístico, professor e regente das orquestras de cordas e sinfônica, e do coral misto. Brasileiro naturalizado, recebeu o título de Cidadão Piracicabano em 1965, por seus trabalhos em prol da educação da juventude.

Tem atuado com professor em diversos cursos de férias. Foi o idealizador e tem sido o presidente da comissão julgadora do Concurso de Jovens Instrumentistas de Piracicaba, que desde 1971 se realiza bianualmente nessa cidade.

*O flautista de Hamelin* é uma história para flauta, oboé, clarineta e fagote. Cada movimento constitui um quadro daquele famoso conto de fadas. No *Moderato* o rapaz (flautista) vem chegando e marcha para a praça da cidade, onde ouve falar da praga dos ratos. Ele promete exterminá-los, mediante uma recompensa. No *Allegro* percorre as ruas tocando seu instrumento, atraindo todos os ratos de Hamelin para um rio próximo, onde os animais morrem afogados. No *Adágio* o flautista demonstra sua decepção e raiva, pois após exterminados os ratos não recebe a recompensa dos habitantes da cidade. No *Allegretto* ele reaparece para a vingança. Desta vez seu som mágico encanta as crianças de Hamelin que o seguem, até que todos desçaç arecem na montanha.

## ERNST WIDMER

ÉPA-DOIS RE-TRATOS OP. 133

Nascido em Aarau, Suíça (1927), estudou no Conservatório de Zurique com Willy Burkhard, Paul Müller e Walter Frey.

Transferindo-se para o Brasil em 1956, radicou-se na Bahia, de cuja Universidade Federal passou a fazer parte como um dos mais dinâmicos professores na área da música, sendo responsável pela formação de inúmeros compositores com reconhecimento no Brasil e exterior.

É membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia, fecundo círculo de cultivo, debate e crítica dos processos composicionais contemporâneos, cujo prestígio propagou-se por todos os centros artísticos do país. Exerce crescentes atividades como regente convidado. É pesquisador do CNPq e idealizador e coordenador de diversos festivais e seminários realizados na Bahia.

Widmer é autor de mais de 160 obras, sendo 29 premiadas em concursos nacionais e internacionais.

## ESTÉRCIO MARQUES CUNHA

MÚSICA PARA FLAUTA E PIANO

Nasceu em Goiatuba, Goiás, em 1941. Realizou seus estudos de piano, composição e regência no Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Em 1980 obteve o grau de mestre em música pela Oklahoma City University, EUA, onde, dois anos depois, concluiu o doutorado em artes musicais (composição).

Desde 1962 desenvolve intensa atividade pedagógica. Há 22 anos radicado em Goiânia, é professor de estética, contraponto e estruturação musical do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás e membro do Conselho Editorial daquela universidade.

Co-fundador do Musika Centro de Estudos, tem realizado grande número de pesquisas e publicado artigos sobre questões relativas à produção musical contemporânea; recebem o Troféu Tioco da União Brasileira de Escritores, seção de Goiás, em 1975. Como compositor, sua produção tem sido executada com regularidade no Brasil e exterior.

*Música para flauta e piano* foi escrita em 1984 e executada apenas uma vez, em 1987, tendo como intérpretes Beatriz Pavan e Simone Castrillon. A peça foi concebida em um único movimento de pulso lento, to, no qual os acontecimentos sonoros se deslocam no espaço em que são realizados. O material sonoro foi obtido através de fragmentações e reagrupamentos de uma série, e pela superposição de timbres dos dois instrumentos.

## FERNANDO ADRIANI

SERENATA

Nascido em São Paulo (1959), veio para o Rio de Janeiro em 1962, onde, em 1976, iniciou os estudos musicais com José Maria Braga (flauta). No ano seguinte começou a estudar piano, tendo como professores Undine Mello, Judith Cocarelli, Irany Leme e Luís Eça. Frequentou o curso de harmonia e arranjo aplicados à música popular com Ian Guest, e formou-se em regência pela Escola de Música da UFRJ, em 1986. Pouco depois foi aprovado em concurso público para professor de regência daquela Universidade.

Dedica-se à regência coral desde 1981, quando dirigiu o Coral do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Criou e dirigiu o Coral do BNH e o grupo Coral Caracora, cujo repertório foi baseado em seus arranjos e composições.

Seu trabalho instrumental participou da I, II, III e IV Mostra dos Novos Compositores e Intérpretes (1982 a 1985); do IX, X e XI Panorama da Música Brasileira Atual (1985 a 1988) e foi um dos selecionados para a VII Bienal de Música Brasileira Contemporânea (1987).

Atualmente é regente dos corais do Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação, da Companhia Vale do Rio Doce e do Coral Infantil da Escola Sá Ferreira e da Orquestra Oficina, organizada por Ian Guest, que inclui em seu repertório quatro composições suas.

Segundo o compositor, *Serenata* foi composta durante o verão de 1983 e tornou-se motivo de reunião de condomínio, já que alguns condôminos, com particular sensibilidade, resolveram discriminar a coabitação naquele edifício de, entre outros itens, animais domésticos, músicos etc.

O autor, como forma de reconhecer a influência daquele momento na concepção da obra, intitulou-a *Serenata*.

## FERNANDO CERQUEIRA

HETEROFONIA DO TEMPO

Fernando (Barbosa de) Cerqueira nasceu em Ilhéus, Bahia, em 1941. Em Salvador cursou filosofia e música, diplomando-se em composição no ano de 1969 pela Escola de Música da UFBA, onde também estudou clarineta e canto. Iniciou atividades profissionais cantando no Madrigal em 1962 e tocando clarineta na Orquestra Sinfônica da UFBA em 1965. Lecionou na Universidade de Brasília, de 1970 a 1975, quando retornou a Salvador para reintegrar o corpo docente da Escola de Música da UFBA, sendo o atual coordenador do colegiado do curso de composição e regência. Membro do Grupo de Compositores da Bahia e da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, tem obras editadas e gravadas e vem participando de festivais e concursos.

Composta em 1969 para o I Festival de Música da Guanabara, onde obteve o quarto prêmio, *Heterofonia do tempo* pretende ser, na concepção do autor, um canto de multidões, de massas anônimas pulsando num só ritmo, construindo a história do homem, como um "rio fluindo sob a casa" solapando os alicerces do desespero e da opressão. Criada numa época de debates sobre o que seria uma arte "brasileira", a peça tenta dar uma contribuição ao necessário confronto entre materiais de raízes culturais e aqueles resultantes do aprendizado acadêmico contemporâneo, a partir de conclusão de que o artista brasileiro atual tem às suas mãos todo um acervo de elementos e materiais "nativos" e materiais "exógenos" em ebulição, dos quais ele pode utilizar em maior ou menor grau, sem preconceitos e unilateralismos, a serviço da expressão que cada obra lhe exija.

Resultado de tais reflexões, *Heterofonia do tempo* está estruturada sobre duas séries de doze sons, duas melodias populares e um ritmo sincopado também de origem popu-

## GILBERTO CARVALHO

SONATINA

lar. A série principal se desenvolve nesse ritmo, de forma fragmentada e às vezes de forma completa. A principal melodia popular ("Paranauê") é vivida pelos metais como um motivo obsessivo que sempre reaparece modificado nas suas relações temporais. Além das melodias populares, são utilizadas duas estrofes do poema "A Carlos Drummond" de J. C. de Melo Neto. A segunda série, assim como a segunda melodia popular só aparecem no Muito Lento final, quando o coro realiza uma polifonia com a nova série, a primeira estrofe do poema e as melodias "Paranauê" e "Você matou meu sabiá". O coro é quase sempre usado como massa sonora, o que intencionalmente dificulta a compreensão do texto do poema, mas este é ouvido claramente nos solos de soprano e do barítono. A fita magnética exerce a função de contraste e ênfase dos conteúdos e massas sonoras, tendo sido gravada em dois canais separados, canal A para os efeitos com vozes e canal B para percussão. As vozes realizam a segunda estrofe do poema (canal A) enquanto no canal B há simultaneamente vários toques e cantos de candomblé.

Natural de Niterói (RJ), estudou composição com Guerra-Peixe. Atualmente é professor de acústica e música contemporânea na Fundação Universidade Mineira de Arte, em Belo Horizonte, além de pesquisador da área de informática musical.

A *Sonatina* foi composta a pedido de um aluno de violão, que desejava uma música com elementos tradicionais e modernos de composição. O primeiro movimento é escrito, como de praxe, na forma sonata. Nele é possível observar o jogo de relações entre os processos e materiais tradicionais e os não tradicionais: o uso de cordas soltas, por exemplo, faz lembrar as sonoridades próprias à música popular, apesar de se inserir em um processo superior de organização. O segundo movimento é uma marcha fúnebre inteiramente baseada na alternância rítmica de um *peón crético* modificado (de cinco para seis unidades de tempo) e de um grupo de três pulsações, simbolizando, alegoricamente, a exposição alternada de instrumentos graves e agudos de percussão. A forma em que é escrito este movimento é a do *Lied*. O terceiro movimento é um conjunto de variações e apresenta uma superposição de formas: além da sua própria — variações baseadas num pensamento antitético de caráter evolutivo centrado no par continuidade/descontinuidade —, mostra características da forma sonata do rondó e do *Lied* e divide a grande forma em duas partes quase simétricas. Este movimento pretende, assim, ainda que preservando sua autonomia, ser também uma espécie de resumo concentrado de toda a obra.

Finalmente, é importante ressaltar que o título *Sonatina*, em lugar de *Sonata*, foi dado à obra em função de seu caráter *leggero*, não se levando em consideração sua dimensão e dificuldades; estas poderiam, talvez, exigir a classificação da mesma em um nível formal superior.

## GILBERTO MENDES

ULISSES SURFANDO EM COPACABANA COM JAMES JOYCE E DOROTHY LAMOUR

Nasceu em Santos, em 1922, onde iniciou seus estudos musicais aos 18 anos, no conservatório local, tendo estudado teoria com Savino de Benedectis e piano com Antonietta Rudge.

Embora praticamente autodidata em composição, freqüentou aulas de Cláudio Santoro, Olivier Toni e os cursos de férias de Darmstadt, onde trabalhou sob a orientação de Boulez, Stockhausen e Pousseur, com bolsa dos governos alemão e brasileiro.

É um dos signatários do manifesto *Música Nova*, publicado pela revista *Invenção*, em 1963, porta-voz da poesia concreta paulista. Como conseqüência, tornou-se um dos pioneiros no Brasil no campo da música aleatória, concreta e microtonal.

Professor, conferencista, colaborador de jornais e revistas, Gilberto Mendes é o idealizador e um dos programadores do Festival Música Nova de Santos, desde 1962. Atualmente é professor de composição na Universidade de São Paulo.

*Ulisses surfando em Copacabana com James Joyce e Dorothy Lamour* foi encomendada pelo Festival Internacional de Patras, Grécia, e estreou em julho deste ano. O Festival teve como tema os grandes mitos da Europa. Ulisses, um dos maiores, toma o rumo sul, numa viagem no tempo. Identificam-se nesta obra materiais que vão desde velhos hinos gregos até o *orientalismo Kitsch* do tipo Hollywood anos 30, tudo muito transformado e desenvolvido, numa *Sommerreise* schubertiana que passa por muitos climas musicais e chega a um *surf* de três músicas simultâneas, o foxtrote final que tanto pode ser no *coconut grove* de Los Angeles, como num café em Trieste, com Joyce, ou num bar em Copacabana. Tentativa de um som schoenbergiano a partir do estilo de orquestração de velhas canções cantadas por Dorothy Lamour.

## GUERRA-PEIXE

PRELÚDIOS TROPICAIS Nº 8, 9 E 10 E TOCATA DO JOEZINHO

Nascido em Petrópolis, em 1914, foi aluno de Paulina D'Ambrosio (violino), de Newton Pádua (composição) a quem deve sua base técnica, e de H.-J. Koellreutter, com quem obteve informações sobre a técnica dos 12 sons e estética.

Foi um dos integrantes do Grupo Música Viva. Dodecafonista de início, renunciou a essa técnica para fazer pesquisas folclóricas em Pernambuco e depois em São Paulo, utilizando em seguida em suas composições o material pesquisado.

Como folclorista tem um livro publicado, *Maracatus do Recife*, e vários artigos em jornais e revistas. Arranjador dos mais solicitados, aprendeu orquestração através da própria experiência, sendo ainda responsável pela formação de incontáveis compositores que hoje se destacam no panorama da criação musical nacional.

Guerra-Peixe é de opinião que, com a utilização do folclore, o compositor encontra o caminho mais curto e seguro para a criação e uma música que manifeste a cultura nacional.

A idéia de escrever os *Prelúdios tropicais* surgiu do propósito do compositor de utilizar elementos folclóricos não só do Brasil como dos países tropicais da América Latina. Porém, isso não deu certo porque o compositor mostrou-se cada vez mais interessado nas tendências da cultura brasileira, tão reveladora de aspectos inéditos a quem quiser encontrá-los. Esta série de prelúdios teve início em julho de 1979, com os quatro primeiros. Bem sucedidos estes, o compositor escreveu mais três.

## **GUILHERME BAUER** CANTOS BÁQUICOS

Por esta altura foram os sete gravados em discos pela Funarte, por Ruth Serrão. Somente em janeiro de 1988 o autor completou a série de dez, publicada pela Editora Irmãos Vitale.

Afora isso, Guerra-Peixe escreveu a *Tocata do Joezinho*, que resultou de um brincadeira, ao piano, do menino Joe, neto de Ruth Serrão, a quem a obra é dedicada.

Os três *Prelúdios tropicais* serão executados em primeira audição absoluta. A *Tocata de Joezinho*, em primeira audição no Brasil.

Carioca, iniciou-se na música através do violino, prosseguindo com Oscar Borgerth na Escola de Música da UFRJ. A partir de 1969 começou a estudar composição, recebendo de Cláudio Santoro os primeiros ensinamentos, enquanto se exercitava em análise com Esther Scliar. Guilherme considera, porém, como o seu grande mestre o compositor Guerra-Peixe, com quem aperfeiçoou seu conhecimentos sobre música a partir de 1975.

Organizador do conjunto Ars Contemporânea (1971) — que durante sete anos cumpriu importante papel na renovação do repertório da música de concerto — e várias vezes premiado em concursos de composição (Cidade de Curitiba, 1976; Funarte/Vitale, 1978 e 1981; Latino-americano da UFBA, 1979; Prêmio Esso de Música, 1979; e Sociedade Cultura Artística de São Paulo, 1984), Bauer tem-se ocupado com o magistério, integrando o Departamento de Música da Faculdade Estácio de Sá, onde leciona harmonia e composição, e na Escola de Música Santa Cecília, em Petrópolis, onde fixou residência.

*Cantos báquicos*, peça para barítono e cordas, tem três partes — *Allegro*, *Lento*, *Allegro* — interligadas por elementos rítmicos. A primeira delas, já em si, poderia mesmo ser chamada de "canção rítmica", sendo o canto em 12/8, seguindo a métrica de 11 sílabas dos versos. Tal marcação é repetida ao final da segunda canção; depois, reaparecem os elementos da primeira parte, o que dá um aspecto cíclico à peça. Os três poemas tratam do namoro do homem com o vinho (mais perene que as incertezas do amor (primeira canção); suave e excitante como o amor (segunda canção); quando o trai com a embriaguês, concientiza-o da igualdade de todos os homens (terceira canção). As insistências rítmicas da música refletem o estado permanente do namorado do copo, voltando sempre a outro copo.

## **HARRY LAMOTT CROWL JR.** CONCERTO PARA VIOLINO, DOZE INSTRUMENTISTAS E SOPRANO

Nascido em Belo Horizonte (1958), estudou violino com José de Mattos e viola com Vivianne Bertolami, na Westport School of Music, e com Glêsse Lima, na Escola de Música de Brasília.

Na Gilliard School of Music (Nova York) estudou música do século XX com Lawrence Widdoes, regência de orquestra com Vicent la Selva, orquestração e composição com Charles Jones. No Brasil também teve aulas de composição com Willy Correia de Oliveira, Rufo Herrera e Eduardo Bértola.

Tem obras executadas em Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Ouro Preto, Dimantiña e Montevideo, destacando-se: *Interiores* para orquestra (1983); *Concerto para sax soprano e cordas* (1983); *Concerto para flautas e orquestra de câmara* (1983); *Convívium*, para fita magnética (1986); *Aethra*, para violoncelo solo com piano *obligato* (1987).

Atualmente trabalha como assessor junto à Reitoria da Universidade Federal de Ouro Preto e desenvolve trabalhos na área de musicologia histórica, tendo realizado transcrições de obras e estudos sobre vários compositores do período colonial mineiro, entre eles, os padres João de Deus Castro Lobo e Jerônimo de Souza Queirós.

## **HEITOR ALIMONDA** ESTUDOS PARA UM ESTUDO INSTRUMENTAL

Paulista de Araraquara, tem-se destacado como pianista, professor e compositor.

Realizou os estudos no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, orientando-se paralelamente com Magdalena Tagliaferro. Aperfeiçoou-se nos Estados Unidos e, de volta ao Brasil, trabalhou ainda sob a orientação de Tomás Teran.

Desenvolve brilhante carreira como solista e camerista, tendo sido membro fundador dos conjuntos Ars Barroca e Sexteto do Rio, com diversos discos gravados.

Ocupou a direção dos Seminários de Música Pró-Arte e dos Cursos Internacionais de Férias Pró-Arte, em Teresópolis, durante vários anos. Atualmente é o vice-diretor da Escola de Música da UFRJ, mantendo-se como professor titular de piano e impulsor dos cursos de pós-graduação.

Como compositor, tem-se destacado especialmente com obras de caráter pedagógico. É autor de *O ensino do piano*, em dez cadernos, publicado pela Editora Ricordi, método amplamente difundido por todo o país. É detentor de diversos prêmios em concursos de composição.

Nos *Estudos para um estudo instrumental*, escrito entre agosto de 1983 e janeiro de 1984, o autor pretendeu reunir diversos problemas instrumentais para compor uma peça que mantivesse uma unidade sonora e formal tão coesa quanto possível. O duo clarineta-flauta, o quarteto de cordas e a percussão têm seus momentos individuais através de estudos específicos à sua estética e individualidade instrumental. Traços virtuosísticos são explorados nas mais diversas combinações de instrumentos. O todo deve resultar, portanto, num grande e único estudo no qual a finalidade última é a exploração tímbrica dos instrumentos individual e coletivamente.

## HENRIQUE DAVID KORENCHENDLER

ONZE VARIAÇÕES PARA PIANO

Nascido no Rio de Janeiro, iniciou seus estudos musicais muito cedo com Arnaldo Estrella e Lúcia Branco (piano) e Henrique Morelenbaum (matérias teóricas). Aos nove anos recebeu o prêmio Semana da Asa, pela composição do hino *Saudação a Santos Dumont*.

Concluiu os cursos de graduação na Escola de Música da UFRJ, onde teve como professoras Ilara Gomes Grosso (piano), José Siqueira e Henrique Morelenbaum (composição) e Raphael Baptista (regência). Finalista em duas categorias na Segunda Apresentação de Jovens Compositores em Salvador (1968), venceu a partir daí vários concursos de composição, como o de Jovens Compositores da OSB (1975), II Bial de Música Brasileira Contemporânea (1977) e o de Composição para Coro Infantil do INM/Funarte (1979).

Sua produção é extensa, incluindo inúmeras obras instrumentais e vocais. Compôs, por encomenda, a obra *Variações sobre o Hino Nacional Brasileiro*, para quarteto de cordas, para as comemorações do 25º aniversário da Sociedade Teuto-brasileira (1985).

As *Onze variações para piano* surgiram de uma conversa com a pianista Sonia Maria Vieira sobre as *Variações breves para piano e orquestra de cordas*, do mesmo autor, que também é dedicada a ela. Uma das variações foi desmembrada em três, dando origem à peça para piano solo. Durante a execução da última variação, a pianista recita dois versos de Fernando Pessoa: "Grande mágoa de todas as coisas serem bocados, caminhos sem fim", que define, para o compositor, a satisfação/frustração de variar temas.

## HENRIQUE DE CURITIBA

SERENATA NOTURNA

É o pseudônimo artístico de Zbigniew Henrique Morozowicz, nascido em Curitiba, em 1934, de pais poloneses-brasileiros. Formou-se em piano pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e prosseguiu seus estudos na Escola Livre de Música em São Paulo, onde foi aluno de piano de Henry Jolles e de matérias teóricas e composição de H.-J. Koellreuther. Em 1960 transferiu-se para Varsóvia, onde estudou piano com Margherita Trombini Kazuro e, de 1979 a 1981, como bolsista do Capes/MEC, fez o curso de mestrado em composição no Ithaca College, em Nova York, sob a orientação de Karel Husa. Atualmente é professor da Universidade Federal do Paraná e diretor da Sala Bento Mossurunga da SEEC/PR. Sua produção está voltada, principalmente, para a música instrumental, coral e de câmara.

Comissionada pela Fundação Cultural de Curitiba, especialmente para a Camerata Antiqua, a *Serenata noturna* foi escrita em 1982. Segundo o compositor, a peça, composta em linguagem tonal, foi inspirada em parte na *Serenata* de Tchaikowski e em parte no *Eine Kleine Nacht Musik*, de Mozart, não como estilo, mas como idéia de se fazer música alegre, vivaz e também de se retornar a uma música mais "natural", buscando retomar o fio da meada da tradição tonal que ficou um tanto perdido no emaranhado do experimentalismo musical das décadas anteriores.

## ILZA NOGUEIRA

IN MEMORIAM

Nascida em Salvador, graduou-se em piano pela Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, estudando composição, como matéria correlata, com Ernst Widmer. Seus cursos de pós-graduação, desenvolvidos sempre na área de composição, foram orientados por Maurício Kagel, em Colônia (RFA), e Lejaren Hiller e Morton Feldman, em Nova York (EUA).

Desde 1978 integra o corpo docente do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba, tendo coordenado, em 1986 e 87, o I e II Curso de Especialização em Música do Século XX, da UFPB, num trabalho conjunto com vários compositores e instrumentistas do Brasil e exterior.

Atualmente preside a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (Anppom), promovendo encontros anuais de pesquisadores e pós-graduados da área.

Como pesquisadora do CNPq, vem desenvolvendo trabalhos nos campos da teoria e da musicologia histórica, que resultaram em artigos e palestras, abordando especialmente compositores das fases históricas de transição estilística.

Suas primeiras composições caracterizam-se pelo emprego de recursos extra-musicais, do teatro musical, improvisação e notação não convencional, utilizando instrumentos tradicionais ou não tradicionais, ao vivo e/ou pré-gravados, ao lado de 'bugigangas' e sintetizadores. Em suas obras mais recentes, vem aplicando técnicas derivadas ou sugeridas pelo serialismo a elementos caracteristicamente tonais, propondo um amálgama dos dois sistemas. *In memoriam* (1988), sua única homenagem musical, justapõe aos processos composicionais característicos da estética musical de Morton Feldman, o homenageado, outros não apreciados pelo compositor.

## JACEGUAY LINS

RUNAS

Nasceu em 1947 no estado de Pernambuco, tendo participado de bandas de música e corais do interior. Mais tarde aprofundou seus conhecimentos musicais com Edoardo de Guarneri, Marlene Fernandes, Ernst Widmer, Guerra-Peixe e Esther Scliar.

Tem escrito várias partituras para o cinema. Dentre seus trabalhos inclui-se o *Concerto para quatro percussões e orquestra* e *Ave palavra*, para percussão.

Radicado em Vitória desde 1979, leciona estruturação musical e música brasileira na Escola de Música do Espírito Santo e tem atuado como regente à frente do Coral Municipal de Vitória e da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo.

*Runas* é fruto de um trabalho reflexivo sobre música, desenvolvida pelo compositor com a colaboração de estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo, atendendo à solicitação da Universidade de uma peça da qual participassem o coreógrafo Magno Godoy e a Orquestra Livre de Vitória.

Utilizando instrumentos não tradicionais, chegou-se a uma partitura verbal/gestual/cromática, como um roteiro cinematográfico, e que somente poderá ser executada por intérpretes que tivessem trabalhado com o compositor.

## JAMARY OLIVEIRA

PIANO PIECE

Nascido em Saúde (Bahia), em 1944, estudou composição com Ernst Widmer na Universidade Federal da Bahia. É mestre em composição pela Universidade Brandeis — onde foi aluno de Harold Shapero, Seymour Shifrin e Arthur Berger — e doutor em composição pela Universidade do Texas em Austin, tendo como professores Karl Forte, Donald Grantham e Russel Pinkston. É membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia, da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Professor da Universidade Federal da Bahia desde 1966, tem se dedicado às aplicações da informática em Música. Atualmente é o representante da Área de Música junto ao CNPq.

*Piano piece* foi escrita durante a primavera de 1984, quando o compositor residia em Austin, no Texas. A peça é baseada em um conjunto não ordenado de classes de notas e organizada em três seções principais. A primeira seção começa em andamento *Moderato*, justapondo acordes em fortíssimo, elementos pontilistas sobre uma célula que se repete no baixo e uma nota repetida (em *ritardando*) cercada por gestos rápidos. Após um *Prestissimo* caracterizado por acentos rítmicos irregulares, esta seção termina com um curto *Maestoso* de apenas um acorde repetido. A segunda seção — Muito Lento e Tranquilo — é executada com o pedal do piano abaixado todo o tempo, revestindo-se de sabor impressionista. A seção final, *Presto*, é baseada em notas repetidas, nas duas mãos, interrompidas por um desenho polirrítmico, e em uma linha melódica que se contrai, sobre um rufo em trítone. A peça conclui com a mesma estrutura de acorde apresentada no final da primeira seção

## JOÃO GUILHERME RIPPER

CONCERTINO PARA VIOLA E ORQUESTRA DE CORDAS

Carioca, nascido em 1959. Graduiu-se em composição e regência pela Escola de Música da UFRJ. Foi aluno de Henrique Morelenbaum, Ronaldo Miranda, Garth M. Drozin e Roberto Duarte. Realizou, ainda, cursos de aperfeiçoamento no Brasil e na Itália.

Como compositor, tem obras gravadas e executadas nas principais salas de concerto do país e exterior, participando ativamente de diversos festivais de música contemporânea. Trabalha como regente à frente de orquestras de câmara e conjuntos instrumentais, atuando como intérprete de suas próprias obras e enfatizando a execução de música brasileira contemporânea.

Em 1987 implantou o Banco de Partituras e Materiais de Orquestra do Instituto Nacional de Música da Funarte e, no ano seguinte, organizou o catálogo *Música brasileira para orquestra*, editado por esse Instituto.

Atualmente é professor do departamento de composição da Universidade Estácio de Sá e da Escola de Música da UFRJ, onde também coordena o Panorama da Música Brasileira Atual. É, ainda, responsável pela coordenação dos Concursos de Corais do Rio de Janeiro, promovidos pelo *Jornal do Brasil*.

Escrito nos movimentos *Moderato* e *Andante-Allegro*, o *Concertino para viola e orquestra de cordas* explora as possibilidades técnicas do instrumento solista utilizando elementos de brasilidade trabalhados dentro de uma linguagem contemporânea. Em seu aspecto morfológico, parte de formas tradicionais modificadas, contrapondo temas de características contrastantes. O ritmo desempenha uma função importante no desenvolvimento da obra, sobretudo no último movimento (*Allegro*), construído sobre a sucessão de compassos ímpares e acentuações irregulares que provocam novas subdivisões métricas.

## JOÃO MENDES

YANAR MAYÚ

Violonista e compositor, nasceu no Rio de Janeiro, em 1958, e iniciou seus estudos de música na Escola de Música Villa-Lobos, ingressando, logo em seguida, na Escola de Música da UFRJ, onde concluiu o bacharelado em violão, na classe de Turíbio Santos.

Estudou composição com Michel Philippot, H.-J. Koellreutter, Conrado Silva, Garth M. Drozin, Aurélio de la Vega.

Como compositor e intérprete, tem participado de diversos eventos ligados à música contemporânea, como os Panoramas da Música Brasileira Atual, os Ciclos de Música Contemporânea de Beló Horizonte e os Festivais de Inverno da UFMG. Atualmente é membro do Grupo Expele Metal e da Orquestra Rio de Vilões.

*Yanar mayú* significa rios turvos, quando as águas ficam avermelhadas pelo sol batendo em seu leito em movimento.

Elaborada sob um tempo mágico organicamente presente, mesclando a notação precisa com a imprecisa e percorrendo um caminho que oscila entre o modal e o microtonal, *Yanar mayú* foi escrita em 1988 para seis músicos que alternam instrumentos andinos — seis 'zonhas', dois 'monsinhos', dois 'pinquinhos' graves e três agudos — e percussão: três tambores d'água e um bumbo.

## JOCY DE OLIVEIRA

INORI

Compositora, artista multimídia, pianista e escritora, exerce atualmente sua atividade artística no Brasil, Estados Unidos e Europa. Recebeu seu diploma de Master of Arts pela Washington University e completou seus estudos em Paris sob a orientação de José Kliaas e Marguerite Long. Como compositora, recebeu vários prêmios nos Estados Unidos e no Brasil, dos quais se destacam os concedidos pela Rockefeller Foundation, CAPS (Creative Artist Public Service), Pan-American Union, Meet the Composer e Associação Paulista de Críticos de Arte. Recebeu também as Medalhas D. Pedro II e Imperatriz Leopoldina. Suas composições foram gravadas em três discos no Brasil e nos Estados Unidos. Seus trabalhos envolvem meios eletroacústicos e multimídia. Como pianista é reconhecida internacionalmente por suas execuções de música contemporânea, tendo atuado como solista sob a direção de Igor Stravinsky e à frente das melhores orquestras dos Estados Unidos e da Europa. Gravou para a Vox, em Nova York, a obra pianística completa de Oliver Messiaen. No Brasil, publicou três livros: *Apague meu spot light*, *O Terceiro Mundo e Dias e caminhos, seus mapas e partituras*. Foi *associated professor* na University of South Florida e *faculty member* na New School for Social Research, em Nova York, e uma das fundadoras da Academia Paulista de Música.

Segundo a compositora, *Inori* é ópera-ritual em progresso apresentada em forma de concerto. *Inori*, vocábulo japonês, significa oração. O texto é formado de palavras em línguas indígenas e japonesas visando um resultado fonético e semântico intrinsecamente ligado à expressão vocal. A personagem incorporada pela soprano toma inúmeras formas, representando a figura da morte que tenta envolver, seduzir o personagem central (o ator). Nesta versão de concerto, o ator não participa.

## JORGE ANTUNES

POÉTICA II

Nasceu no Rio de Janeiro em 1942. Iniciou os estudos musicais aos 15 anos, estudando violino com Arethusa Mello. Sua formação musical tradicional foi feita no Rio de Janeiro. Paralelamente, como autodidata, desenvolveu trabalhos de pesquisa no domínio da música eletrônica, que o tornaram um dos principais nomes da música de vanguarda brasileira. De 1969 a 73 fez cursos de pós-graduação na Argentina, Holanda e Paris. Durante esse período, destacou-se nos meios musicais europeus, sendo premiado em diversos concursos de composição, participando dos principais festivais e tendo obras publicadas por importantes editores.

Desde 1973 é professor no Departamento de Música da Universidade de Brasília, onde dirige o Laboratório de Música Eletrônica e é coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sonológicas (Nepson).

*Poética II*, para orquestra de cordas, insere-se na estética desenvolvida por Antunes a partir de 1980, em que os elementos sonoros são extraídos de trechos de outras obras, caracterizados como importantes achados musicais. A própria expressão 'poética', antes usada por Umberto Eco, se refere a este tipo de construção artística. O compositor utiliza-se de fonemas, morfemas e microelementos, material básico extraído de suas próprias obras anteriores, construindo assim o seu vocabulário e sua linguagem. A obra, depois de um longo discurso construtivista, se dilui no inaudível, através do uso da *scordatura* de todos os instrumentos.

## JOSÉ ALBERTO KAPLAN

SONATA PARA TROMPETE E PIANO

Nasceu em Rosário, Argentina, em 1935 e naturalizou-se brasileiro em 1969. Realizou seus estudos musicais com Arminda Canteros, piano, e Luís Machado, harmonia, em sua cidade natal, prosseguindo-os em Buenos Aires, Genebra e Viena com Ruwin Erlich, Nikita Magaloff e Wladyslaw Kedra, respectivamente.

Reside no Brasil desde 1961, sendo atualmente professor de piano e introdução à composição do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba. Foi regente do Coral Universitário de 1982 a 1985 e diretor artístico e regente titular da Orquestra Sinfônica da Paraíba, em 1985 e 1986.

Como compositor recebeu diversos prêmios, destacando-se o primeiro lugar no Concurso Nacional de Composição organizado pela Funarte e Editora Vitale, em 1978, com a *Suite mirim*, para piano. Em 1979 recebeu o segundo prêmio no Concurso Nacional de Composição para Obras Corais, da Funarte, com *Vilancicos*, para coro infantil. Seu *Quinteto para metais* foi contemplado, em 1983, com o terceiro lugar no Concurso Nordestino de Composição Camerística da Universidade Federal da Bahia. Em 1986, *O rei encantado*, para coro misto sobre texto de Ferreira Gullar, recebeu o segundo prêmio no Concurso Nacional de Canto Coral da Universidade Federal do Maranhão. Suas obras estão publicadas pelas editoras Vitale, Ricordi, Funarte e pelo Serviço de Difusão de Partituras da USP, muitas delas gravadas no Brasil e no exterior. Participou, como convidado, das VI e VII Bienais de Música Brasileira Contemporânea.

A *Sonata para trompete e piano* foi composta em 1987. Do ponto de vista harmônico está baseada no conceito de tonalidade ampliada. Está estruturada em três movimentos. O primeiro, *Allegro*, obedece ao esquema da forma sonata bitemática, com exposição, desenvolvimento e reexposição de dois temas contrastantes. O segundo e terceiro estão interligados tematicamente. O segundo, Lento, serve como introdução e, parte dele, como final do terceiro, Rondó (*allegro*), sendo que seu tema reaparece, tratado por aumentação no decorrer do último movimento.

## JOSÉ VIEIRA BRANDÃO

SONETO

Nasceu em Cambuquira, Minas Gerais, em 1911. Veio para o Rio de Janeiro aos sete anos de idade e, aos treze, já frequentava o Instituto Nacional de Música, onde estudou, entre outros, com Paulo Silva. Em 1929 formou-se em piano e, em 1932, aperfeiçoou-se em Paris com Marguerite Long. Dois anos mais tarde, fundou o Madrigal Vox, conjunto que dirigiu durante dez anos.

Professor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, tornou-se grande colaborador de Villa-Lobos, numa união que se estendeu por longos anos e foi bastante útil aos dois artistas.

Entre 1945 e 1946 permaneceu nos Estados Unidos, período em que pôde amadurecer sua vocação de compositor.

No conjunto de sua produção destacam-se numerosas composições para coro, entre as quais se incluem algumas obras-primas do repertório nacional nesse gênero, música de câmara e trabalhos para piano solo.

A atmosfera musical utilizada na introdução do *Soneto*, com texto de Dante Milano, caracterizada no piano pelos arpejos descendentes de acordes de sétima, conduzem ao aparecimento, na região grave do instrumento, do desenho rítmico melódico sincopado, obsidente, entrecortado pela percussão de acordes de quartas superpostas. Entrelaçando esses elementos sonoros, o compositor desenvolveu ambientes polifônicos que emolduram as melodias das variadas situações emocionais sugeridas no texto poético.

## LINDEMBERGUE CARDOSO PROCISSÃO DAS CARPIDEIRAS

Nasceu em Livramento, Bahia, em 1939. Diplomou-se em composição e regência pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, onde foi professor de composição, improvisação, leitura e escrita musical e percepção e, ainda, regente do Madrigal da UFBA. Foi membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia e da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea. Participou como professor dos mais significativos cursos de férias do país e lecionou em diversas cidades brasileiras. Dedicou-se, ainda, ao teatro, desenvolvendo importantes trabalhos musicais na área.

Recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira como compositor. *A Procição das carpideiras* foi premiada no I Festival de Música da Guanabara, em 1969. O trabalho retrata a seca do sertão nordestino, onde o povo, em desespero, sai às ruas em procissão cantando, dançando, chorando e se lamentando em direção a um cruzeiro (grande cruz), que geralmente existe na praça principal de qualquer cidade do interior. Lá chegando, se põe a fazer preces a Deus para que venha a chuva. Em um movimento, a obra procura mostrar aspectos dessa manifestação de fé mística em suas seções: Ambientação (sol quente, atmosfera pesada), *A Procição*; *A Primeira Prece* (soprano solo); *Dança da Alucinação*; *A Segunda Prece* (soprano solo); *Dança da Bonança* (por ter chovido, finalmente); *Final* (uma incógnita, onde aparece, nas madeiras, o acorde de sétima da dominante sem resolução, que é uma das características da música nordestina). A obra foi escrita para soprano solo, coro feminino de oito vozes e orquestra.

Lindembergue Cardoso faleceu este ano, deixando muitas de suas obras gravadas e editadas, tanto no Brasil como no exterior.

## JOSÉ AUGUSTO MANNIS FORGE

Nascido em São Paulo (1958), estudou composição com Michel Philippot na Universidade Estadual de São Paulo, ao mesmo tempo em que estudava contrabaixo na Escola Municipal de Música de São Paulo, entre 1977 e 1979.

Trabalhou também a música eletroacústica com Conrado Silva, Luís Roberto de Oliveira, Dieter Kaufmann e Eduardo Bertola.

De 1978 a 1980 foi contrabaixista do Grupo Instrumental do Núcleo Música Nova e da Orquestra Jovem Musical de São Paulo.

Em 1980 recebeu bolsa do governo francês e viajou a Paris, onde estuda com Guy Reibel, Michel Philippot e Philippe Manoury. Participou de trabalhos no Studio 123 de l'INA/GRM com Yan Geslin e Benedict Maillard.

Em 1983 foi delegado da Rádio MEC na Tribuna Internacional de Compositores da Unesco. No ano seguinte passou a integrar o Centro de Música Eletroacústica da Normandia e novamente delegado da Rádio MEC junto a Unesco. Foi um dos fundadores do Grupo Movimento, destinado a difundir a música latino-americana na Europa. Este ano voltou ao Brasil para ser o Coordenador do Centro de Documentação de Música Contemporânea, na Unicamp, instalado em cooperação com o Projeto Brasil-França.

A obra *Forge* (1983), para piano solo, foi literalmente 'forjada' a partir de um material musical maleável e elástico, composto de uma interminável série de notas geradas por dispositivo matemático que operava basicamente em um

processo inverso àquele que normalmente em estatística nos leva a obter, a partir da análise dos dados, uma curva ou distribuição através da qual pode-se conhecer a probabilidade que tal ou tal (tais ou tais) evento(s) ocorra(m).

Assim, no processo inverso, elaborase primeiro uma distribuição e, em seguida, através de uma simulação, obtém-se os dados (notas).

As distribuições utilizadas formaram na obra um contexto harmônico homogêneo. Isso quer dizer também que todos os encadeamentos de acordes e as sucessões de notas (previstos durante a elaboração das distribuições) realizados levavam em consideração os intervalos em jogo.

Com respeito à maleabilidade e à flexibilidade do material, estas consistiam no conjunto das possibilidades de se poder manipular a massa bruta de notas resultante da simulação sem que com isso se perca a coerência original.

Assim foi possível dar movimento e vida a esse material, que finalmente acabou estendido sobre a tessitura do instrumento de tanto se desenvolver e evoluir livremente nesse âmbito de 88 notas, em figuras gestuais que a imaginação impunha à matéria-prima flexível.

## LEONARDO SÁ TOCATA PARA PIANO

Nascido em 1954, no Rio de Janeiro, iniciou os estudos musicais em 1960 com Celina Pimenta de Mello, no Conservatório Brasileiro de Música. A partir de 1969 começou os estudos de composição e passou a ser orientado no piano por Alcione Buxbaum, harmonia, por Nelia Santos e análise, por Esther Scliar. Na Escola de Música da UFRJ frequentou o curso de composição e, na Universidade Federal Fluminense, o curso de comunicação social, tendo então trabalhado com música para teatro e cinema.

Professor do Conservatório Brasileiro de Música, de 1976 a 1979, afastou-se do Brasil quando, a convite da Universidade Mayor de San Simón, em Cochabamba, Bolívia, foi lecionar no Instituto de Formación Integral y Musical Eduardo Laredo e organizar um Centro de Documentação e Pesquisa Musical Latino-americana.

Desde 1984 Leonardo Sá trabalha no Instituto Nacional de Música da Funarte, como coordenador de musicologia, acervos e pesquisa.

*Tocata para piano* é desenvolvida sobre quatro elementos melódicos básicos, em modo perpétuo e em variações contínuas, explorando o piano em toda sua extensão e registros. Uma seção central, em forma de cânone, apresenta a superposição simples dos elementos originais, contrastando com a projeção criada na primeira e terceira seções, cujas estruturas são simetricamente invertidas. Os quatro elementos básicos configuram um estribilho que interliga as diferentes variações desenvolvidas, as quais se dão por justaposição, ampliação, transporte e retrogradação das estruturas.

A dinâmica da obra é explorada através de mudanças súbitas de intensidade, apenas ocorrendo trabalhos de agógica na seção central. Discorrendo basicamente sobre os mesmos elementos, a *Tocata* busca, no entanto, tecer uma narrativa sempre modificada e que valoriza, em especial, a doação do próprio instrumentista.

## LINDOLFO BICALHO

INTERMITÊNCIAS

Nascido em Campos Altos, Minas Gerais, em 1958, tem o curso de graduação em violão pela Escola de Música da UFMG, concluído em 1982. Como violonista, em 1982, conquistou o primeiro lugar no Concurso Abel Carlevaro, em São Paulo, e foi finalista do I Concurso Nacional Jovens Intérpretes da Música Brasileira, promovido pelo INM/Fuanrte.

Atuou como professor nos conservatórios de Montes Claros e Diamantina e na Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte. Na capital mineira foi também fundador do Grupo Experimental de Câmara da FEA e do Núcleo de Música Contemporânea.

Desde 1984 está em Paris, onde estudou harmonia e contraponto com Michel Philippot, análise com R. Piencikowsky. Participou de cursos e conferências de P. Boulez no Collège de France e da classe de composição de P. Maoury na Escola Nacional de Música Edgar Varèse, onde, em 1987, recebeu o primeiro prêmio de composição e análise musical. Atualmente estuda composição no Conservatório Nacional de Paris, na classe de Michel Philippot.

Em julho deste ano, selecionado pelo Conservatório Nacional de Paris, representou a França no Curso de Verão da Academia Chiggiana, em Siena, Itália.

*Intermitências* refere-se à presença/ausência de uma figura temática que descreve uma trajetória contínua pelos diversos registros e contextos harmônicos presentes na obra. A presença obedece às diversas possibilidades de variação de fisionomia desta figura temática, operando desde variações mínimas até as mais afastadas, enquanto a ausência refere-se ao desaparecimento total da figura temática que continua entretanto o seu percurso de uma maneira oculta, segundo o autor, "como um rio subterrâneo que em determinados momentos emerge à superfície terrestre e logo após desaparece, nos ocultando o seu fluxo sob uma paisagem diversa".

## LORENZO FERNANDEZ

VARIAÇÕES SINFÔNICAS SOBRE UM TEMA BRASILEIRO

Nasceu em 1987 no Rio de Janeiro. Aos vinte anos ingressou no Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ, onde estudou com Frederico Nascimento, J. Otaviano e Henrique Oswald. Mantinha, juntamente com Luciano Gallet, estreito contato com Alberto Nepomuceno que muito o influenciou na adoção de uma linguagem nacionalista. Em 1926 começou a se destacar como compositor, tendo suas obras executadas no Brasil e exterior, além de obter diversos prêmios em concursos. Dentre as composições deste período destacam-se o *Trio brasileiro*, *Quinteto* e *Suíte sinfônica*. Seu primeiro grande sucesso foi, contudo, o bailado *Imbapara*, baseado em temas indígenas recolhidos por Roquete Pinto. Em 1930 compôs a suíte *Reisado do pastoreiro*, cujo Batuque final mereceu numerosas execuções e gravações, fazendo parte, ainda hoje, do repertório de diversas orquestras. Escreveu óperas, balés, concertos e sinfonias, além de peças para piano, sendo várias de cunho didático. Ocupou a cátedra de harmonia superior do Instituto Nacional de Música e fundou o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, entidade da qual foi diretor até sua morte. Atuou como regente em diversas ocasiões, divulgando, além de suas obras, as de autores brasileiros, como Villa-Lobos, Alberto Nepomuceno e Henrique Oswald. Faleceu em 27 de agosto de 1948, após ter dirigido um concerto sinfônico com a Orquestra da Escola Nacional de Música, no Rio de Janeiro.

*Variações sinfônicas sobre um tema brasileiro* foi composta no último ano de vida do compositor. A obra terá sua estréia nesta Bienal.

## LOURIVAL SILVESTRE

ILUSTRAÇÕES VULGARES

Nasceu em Belo Horizonte em 1949. De 1974 a 1978 viveu em Paris, através de bolsa do governo francês, estudando com Olivier Messiaen e pesquisando música eletroacústica no Centro Americano de Paris. Ainda na Europa, freqüentou o curso de análise musical dos Grands Concerts de la Sorbonne, com Max Deutsch. Para o selo Dijuneta Record gravou o Lp *Fiction musicale* apresentando suas composições.

Durante o ano de 1977 colaborou com Georges Moustaki como arranjador e diretor de orquestra pela gravadora Polyvox, em Paris. Por duas vezes foi premiado em concursos de composição promovidos pelo Instituto Goethe de Munique: em 1974, com *Finale*, para orquestra de câmara; e em 1976, com *Estilhaços*, para violão, editada por Musikverlag Zimmermann, Alemanha. Em 1976 foi agraciado com a Ordem do Mérito Artístico Brasileiro.

Ao retomar ao Brasil passou a lecionar na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

Durante um ano e meio trabalhou com Pierre Boulez sobre técnicas contemporâneas de composição, no Ircam.

Em 1978 recebeu o Prêmio de Honra no Concurso Villa-Lobos, da Fundação Orquestra Sinfônica de Brasília, com seu poema sinfônico, *O passageiro cósmico*.

Atualmente é professor nos conservatórios municipais de Saint Thibault des Vignes e de Pontault-Combault, Paris.

*Ilustrações vulgares* apresenta três temas: dois deles trabalhados por meio de repetições em forma de distensão melódica e um terceiro tema harmônico e ritmicamente denso que se desenvolve no final da peça, deixando, enfim, aparecer uma melodia menos tensa. No nível instrumental, a obra exige grande virtuosidade e domínio absoluto do intérprete, desenvolvendo mesmo nova técnica de saltos para a mão esquerda.

## LWIGI IRLANDINI

DA NATUREZA

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1958. Após estudos de composição realizados em Florença, Itália, com Franco Cioci, em 1982 e 1983, seguiu sob a orientação de H.-J. Koellreutter, com quem estudou composição, análise de música contemporânea, música do oriente e estética, até 1987, quando concluiu o bacharelado em piano na Universidade do Rio de Janeiro, UniRio, na classe de Estela Caldi.

Em 1988 voltou à Itália e prosseguiu seus estudos de composição com Franco Donatoni, na Academia Internazionale Superiore de Música Lorenzo Perosi. Atualmente encontra-se nos Estados Unidos, onde cursa o *master degree* em composição no California Institute of the Arts.

Em 1985 *A idade do ferro* foi uma das três obras escolhidas para representar o Brasil na III Tribuna de Música da América Latina e do Caribe. Nesse mesmo ano, gravou o Lp solo *Azul e areia* (selo Carmo), produzido por Egberto Gismonti, onde apresentou improvisações livres ao piano.

Em dezembro de 1988 participou do International Composer's Workshop, promovido pela Gaudeamus Foundation, em Amsterdã, proferindo palestra sobre suas composições e sobre a influência das tradições musicais não-ocidentais na composição contemporânea.

Dois tipos de situação musical se alternam em *Da Natureza*, para piano e violino, de modo a produzir-se a total e equivalente substituição da primeira situação pela segunda. Esta transformação gradual define a macroforma e é controlada por duas séries de Fibonacci, cujos termos estabelecem as durações e proporções de cada situação musical.

## LUIZ CARLOS CSEKO

CURVA

Nasceu em Salvador, em 1945. Fez seu bacharelado em composição na Universidade de Brasília, onde estudou com Fernando Cerqueira, Nicolau Kokron e Rivaldo Rossi.

Em 1973, radicou-se nos Estados Unidos, onde trabalhou no Columbia Princeton Electronic Music Studio com Wladimir Ussachevsky e no University of Minnesota Electronic Music Laboratory com Eric Stokes. Em 1980 concluiu o mestrado em música (composição e educação musical), sob a supervisão de Charles Eakins e Cecil Effinger. Fez, ainda, o curso de acústica na Universidade de Minnesota e estudou gravação na Universidade de Colorado.

Exercendo intensa atividade na área de composição, tem participado de diversas mostras de música contemporânea, no Brasil e exterior. Ao longo de sua carreira, recebeu diversos prêmios em concursos de composição. Suas obras premiadas foram gravadas e distribuídas nos Estados Unidos pelo Center for New Music Resources.

Radicado atualmente no Rio de Janeiro, vem desenvolvendo intensa atividade didática junto ao INM/Funarte, aos seminários de Música Pró-Arte e à Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte, através de sua abordagem "oficina de música", que tem como referencial básico manusear, pesquisar, experimentar, refletir, criar e então conceituar, elaborar a linguagem musical. Esses cursos têm atendido a adultos e crianças e são ministrados em áreas de trabalho as mais diversas. Luiz Carlos Cseko está concluindo o livro *Oficina de linguagem musical — educação e música*, que será publicado ainda este ano.

*Curva* exprime a decupagem de um movimento rotineiro (a percussão de um instrumento) através de som, luz-sombra, câmara lenta e revela o momento ritual, a 'epifania' da criação do som.

## MÁRCIO CÔRTEZ

NATUREZA SONORA

Nasceu no Rio de Janeiro e iniciou estudos de violão e matérias teóricas básicas com Norberto Macedo. Estudou harmonia no Instituto Villa-Lobos, contraponto com H.-J. Koellreutter, instrumentação com José Marques, acústica com Vânia Dantas Leite e análise com Marlene Fernandes.

Formou e manteve na Escola de Música Villa-Lobos uma orquestra de instrumentos de sopro e percussão, que, sob sua direção, trabalhava um repertório moderno e contemporâneo.

Obteve menção honrosa no 1.º Concurso Nacional de Composição promovido pelo INM/Funarte.

Trabalhou como orquestrador contratado, durante cinco anos consecutivos, para a Banda Sinfônica da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Trabalha como músico instrumentista profissional ativamente. *Natureza Sonora I*, para flauta, violino, viola e violoncelo, propõe uma experiência de encontros com uma parte da natureza ainda imaculada pelo homem. Com uma ambiência sonora que remete o ouvinte a esse lugar particular, a peça inicia-se com um fragmento temático que seduz o neófito e se repete no decorrer da obra como que o guiando a um curso de fascínio e estranheza. A peça termina evocando um sentimento de grandiosidade e respeito.

## MARCO ANTÔNIO DA SILVA RAMOS

TRES HISTORIETAS DEL VIENTO

Formado em composição e mestre em artes pela USP, tem atividade atuante como regente coral desde 1973. Atualmente rege o Coral do Museu Lasar Segall, o Coral da Escola de Comunicações e Artes da USP e o Grupo Viver de Voz. Desde 1982 integra a equipe de professores do Projeto Villa-Lobos do INM/Funarte. Integrante do corpo docente do Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Marco Antônio concilia as atividades de professor, pesquisador, regente e compositor.

*Tres historietas del viento* estão construídas a partir de comentários ao texto de Garcia Lorca, à maneira dos madrigais da Renascença, através de procedimentos musicais que enfatizam os conteúdos literários. A construção — que justapõe, superpõe e faz interagir elementos presumivelmente opostos, da forte raiz rural e popular brasileira a ritmos, timbres, harmonias e melodias de inspiração européia — procura fazer do atávico vanguarda, da vanguarda tradição e das interações a novidade.

## MARCOS MESQUITA DOS ACENTOS

Flautista e compositor carioca, teve seus estudos musicais orientados por Odette Ernst Dias, Norton Morozowicz, Jean-Noël Saghaard, H.-J. Koellreutter, Homero de Magalhães e Esther Scliar. Graças a esta formação, sua participação em importantes concursos resultou em diversos primeiros prêmios.

Em 1984 ingressou na Escola Superior de Música de Viena, nas classes de Friedrich Newmann e Günther Theuring. No ano seguinte, transferiu-se para Stuttgart, onde trabalhou até 1988 sob a orientação de Helmut Lachenmann, Milko Kelemen e Erhard Karkoschka.

Além de atuar como solista e camerista em salas de concerto do país, suas composições têm sido apresentadas em festivais de música contemporânea do Brasil e exterior.

Sobre *Dos acentos*, fala-nos o compositor: "Em música, quando um determinado tom ou acorde é emitido em uma intensidade mais alta do que a predominante no trecho, dizemos que esse tom ou acorde está 'acentuado'. Trata-se de uma diferenciação tanto quantitativa, mais energia para se produzir um som mais intenso, como qualitativa, o timbre instrumental se modifica conforme a intensidade que se toca.

Para escrever a obra *Dos acentos*, projetei essa idéia de diferenciação para outros parâmetros além da intensidade, tais como relação intervalar, registro, densidade etc., surgindo daí uma grande variedade de materiais sonoros decorrentes de uma concepção única.

A obra é constituída por uma peça central de maior duração que está baseada sobre dois processos de escrita: a transformação gradativa dos materiais sonoros ou a confrontação de materiais contrastantes que se influenciam mutuamente. Essa peça central é moldurada por duas peças de menor duração que foram concebidas como uma confrontação à peça central, apresentando os mesmos materiais sonoros sob outras perspectivas."

*Dos acentos* é dedicada ao pianista Homero Magalhães.

## MARIA HELENA ROSAS FERNANDES NAKUTNAK

Natural de Brasópolis, Minas Gerais, estudou piano com Elzira Amabile e João de Souza Lima, diplomando-se pelo Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Foi aluna de Oswaldo Lacerda e José Antonio de Almeida Prado, tendo-se diplomado em composição e regência pela Escola Superior de Música Santa Marcelina, em São Paulo.

Entre suas premiações, destacam-se o segundo lugar no I Concurso de Composição para Piano, promovido pelo INM/Funarte e Editora Vitale, em 1979, o Prêmio Governador do Estado da Bahia, no I Concurso Latino-americano de Composição, sob o patrocínio da Funarte, do Governo do Estado da Bahia, da SBMC e do ICBA, também em 1979, o segundo lugar do Prêmio Esso de Música Erudita, ainda naquele ano, o primeiro lugar no Concurso Nacional de Composição para Coro Infantil, do INM/Funarte, em 1980, o terceiro lugar no I Concurso Nacional de Composição Heitor Villalobos, promovido pela FOSB e Funarte, em 1984 e o primeiro lugar no III Concurso Latino-americano de Composição, em Montevidéu, Uruguai, em 1988.

*Nakutnak* é uma palavra de língua xetá, sem significado em português. Ela parece em muitos cantos xetá, na maioria dos casos, como última palavra. Além dos temas xetá foram usados nesta obra temas bororo, mamaindé, carajá, xavante. As melodias, geralmente formadas de poucos sons, são extremamente simples e repetidas várias vezes.

A autora procurou dar uma unidade à obra, encadeando os temas, alternando movimentos, conservando o mais possível as características da música indígena brasileira.

## MARIO FICARELLI POTÊNCIAS

Nascido em São Paulo em 1937, iniciou os estudos musicais com Maria Freitas Moraes e Alice Philips, que lhe deram sólidos conhecimentos de piano. De 1968 a 1970 dedicou-se ao estudo da composição com Olivier Toni.

Seu catálogo de obras conta atualmente com cerca de quarenta composições escritas para quase todas as formações instrumentais: música sinfônica, cênica, câmara, vocal e coral.

Obteve vários prêmios em concertos de composição no Brasil e exterior. Em 1975 participou da Tribuna Internacional de Compositores da Unesco, em Paris.

Possui várias obras editadas pela Musikverlag Hans Gerig (Colônia), Editora Novas Metas, Sistrum, Ricordi e Pro-Memus INM/Funarte; muitas foram gravadas no país e exterior.

Preocupado com o desenvolvimento do estudo da música no Brasil, Ficarelli dedica-se também ao magistério, lecionando na Escola de Comunicações e Artes da USP.

*Potências*, para quatro trombones e duas grandes caixas, foi escrita entre maio e agosto de 1989 e é uma homenagem póstuma a Lindembergue Cardoso, falecido repentinamente em abril deste mesmo ano e por quem Ficarelli tinha grande estima desde que o conheceu, em 1970, quando ambos participaram do II Festival da Guanabara.

A obra divide-se em cinco partes interligadas e que são denominadas: Prelúdio, Umbrais, Caminhos, Potências e Glória. Com tratamento modal, tendo o *L'homme armé* (séc. XV) como elemento dominante, o compositor procura configurar um oratório instrumental.

## MARISA REZENDE TELÚRICA

Nasceu no Rio de Janeiro, onde estudou piano com Marieta de Saules e composição na Escola de Música da UFRJ, bacherelando-se pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1974.

Em 1976 concluiu o mestrado em piano sob a orientação de Erno Daniel, na Universidade da Califórnia, EUA, onde, em 1984, obteve o doutorado em composição com a supervisão de Peter Fricker. Foi, durante dez anos, professora de matérias teóricas na UFPE e, desde 1987, é professora titular de composição da Escola de Música da UFRJ. Como docente participa do curso de mestrado da UFRJ e é membro do conselho diretor da Anppom, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música.

Exerce intensa atividade como solista e camerista. Como compositora tem participado de diversos eventos como as Bienais de Música Brasileira Contemporânea e os Panoramas da Música Brasileira Atual, no Rio de Janeiro, e o Congress of Women in Music, no México.

Alguns de seus trabalhos foram executados pelo Da Capo Players (Nova York), Northridge Wind Quintet (Los Angeles), Lontano Ensemble (Londres), entre outros.

*Telúrica* evoca sensações despertadas por elementos do meio ambiente, em seu jogo de forças antagônicas. A transparência do ar, suas nuvens espessas, o crepitar ora energético, ora soturno do fogo, a placidez e a inquietude da água insinuam-se através da utilização de determinados registros, modos de ataque ou planos de dinâmica diversas. O material temático básico da peça é todo exposto no seu primeiro minuto, sendo desenvolvido e variado no decorrer de suas três ações.

## MARLOS NOBRE

CONCERTO BREVE PARA PIANO E ORQUESTRA

Nascido em Recife, em 1939, fez os primeiros estudos musicais com o padre Jaime Diniz, em sua cidade natal. Prosseguiu seu aprendizado com Koellreutter e Camargo Guarnieri, aperfeiçoando-se posteriormente no Instituto Torcuato di Tella, em Buenos Aires, onde foi aluno de Ginastera, Messiaen, Malipiero e Dallapiccola.

Como compositor recebeu diversos prêmios, citando-se entre eles o 1.º Prêmio do Concurso Música e Músicos do Brasil (1960), Prêmio Cidade de Santos (1966), Prêmio Instituto Torcuato di Tella (1963), 2.º Prêmio no I e II Festivais da Guanabara (1969 e 1970), Prêmio Tribuna Internacional de Compositores da Unesco (Paris, 1972, 1974 e 1979), Prêmio Melhor Compositor do Ano (*Jornal do Brasil*, 1966), Golfinho de Ouro (Governo do Estado da Guanabara, 1970) etc.

Marlos tem obras encomendadas pelo Instituto Goethe de Munique, Comitê Artístico da XX Olimpíada de Munique, Orquestra Sinfônica Brasileira, Ensemble Bartok de Genebra, Corpozulia da Venezuela, Universidade de Indiana e várias outras instituições.

O *Concerto breve para piano e orquestra*, estreado em 1969 por Arnaldo Estrella, recebeu o 2.º Prêmio no I Festival de Música da Guanabara.

## MIGUEL KERTSMAN

AMAZÔNIA

Iniciou seus estudos no Conservatório Pernambucano de Música. Estudou piano com Lourdes Asfora e o padre Silvio Milanez e Órgão no RMF-Yamaha Music Center em São Paulo.

Em 1981 transferiu-se para a Temple University, em Filadélfia, EUA onde estudou com Hellen Yaffe e aprofundou seus conhecimentos sobre sintetizadores, jazz e música eletrônica, tornando-se membro do Darby High School Jazz Band.

De volta ao Brasil, em 1982, lançou o Lp *Música, mito e mistério*. Em 1984 recebeu a Berklee Professional Music Scholarship e o Oscar Peterson Jazz Masters Award e retornou aos Estados Unidos para prosseguir seus estudos de piano clássico com Edward Bedner, jazz-piano com Donald Brown, composição e orquestração com John Bovicchi e Jeronimas Kacinskas e regência com Atílio Poto, George Monseur, David Callahan e Dennis Le Claire. Posteriormente ingressou na Juilliard School of Music, onde esteve sob a orientação de Stanley Wolfe e Hugo Fiorato.

Com intensa atividade como produtor, arranjador, instrumentista e compositor, Miguel Kertsman tem seu nome figurando em cerca de vinte discos. Como compositor, sua produção abrange obras para orquestra, câmara e instrumentos solistas, além de trilhas sonoras para filmes especiais em 360 graus.

*Amazônia* é um poema sinfônico que não possui conteúdo programático rigidamente estabelecido. Evoca no entanto sentimentos e sensações que um ser humano possa desenvolver ao presenciar o 'fenômeno da Amazônia'. A música das áreas colossais, os misteriosos sons dos vales, a música frenética e os ritmos de seus habitantes, tempestades, o êxtase e a paz interior, dádiva da natureza ao ser humano, o cantar dos pássaros, os sons do grande rio, são algumas das impressões fluindo, conectando e se desenvolvendo no desenrolar da composição. Cabe ao

ouvinte estruturar sua seqüência própria de pensamento e idéias. Diz o autor: "O comportamento destrutivo em relação à Amazônia representa uma séria ameaça para todos nós humanos. Será o nosso destino presenciar sua contínua destruição, ou haverá a esperança por um aumento de sensibilidade e percepção? O regente silenciará a orquestra antes que a resposta seja dada. Ambos os lados estarão em batalha almejando a vitória. Os sinos soarão... Não podemos perder a fé."

## MURILLO SANTOS

MISSA BREVIS

Nasceu no Rio de Janeiro, onde iniciou seus estudos de piano sob a orientação de Liddy Mignone no Conservatório de Música.

Posteriormente ingressou na Escola de Música da UFRJ, onde cursou a classe de Arnaldo Estrella. Conquistou vários prêmios como pianista, dedicando-se à música de câmara, tendo atuado com artistas consagrados em recitais, tanto no Brasil como no exterior. Em 1970 diplomou-se em composição na Escola de Música da UFRJ, onde recebeu a orientação de José Siqueira, Henrique Morelenbaum e Eleazar de Carvalho. Fez também estudos teóricos com Paulo Silva, Francisco Mignone, Esther Scliar e Guerra-Peixe. Recebeu vários prêmios de composição promovidos pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro no setor de Música de Câmara, em 1973.

Em 1974 conquistou o segundo lugar no II Concurso Nacional de Composição promovida pelo ICBA, com a peça *In memoriam*, cuja estreia mundial foi realizada pela Orquestra de Câmara de Colônia, na sua excursão latino-americana. Participou da Tribuna Internacional de Compositores de Unesco, em Paris, como representante do Brasil. Sua produção inclui peças sinfônicas, de câmara, para coro, para instrumentos solistas e para canto. É membro da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal e professor adjunto de composição da Escola de Música da UFRJ.

## NELSON DE MACEDO

TRIO BRASILEIRO

*Missa brevis* foi composta, a exemplo das missas breves luteranas, somente de duas partes: Kyrie e Glória. O Kyrie consta de uma única seção, repetida, feita pelo coro, e conclui numa grande coda em que a voz orquestral vai-se estinguindo pouco a pouco. O Glória tem um caráter marcadamente rítmico e vigoroso, quase como uma dança, onde a voz solista, como um celebrante, se alterna com as partes do coro. A medida que a obra vai chegando ao seu término, ela vai ganhando em densidade até culminar no Amém, que soa mais como um grito de júbilo, do que um ato de devoção.

Nasceu em Ruy Barbosa, Bahia. Em Salvador estudou escultura na Universidade de Belas Artes (premiado no II Salão de Artes Plásticas de Salvador) e violino, no Instituto de Música da Bahia. No Rio de Janeiro, na Escola de Música da UFRJ, estudou viola, composição e regência com Paulina D'Ambrosio, Paulo Silva e Eleazar de Carvalho. Como bolsista do governo francês foi discípulo de Serge Collot e Etienne Ginor (viola) e Jacques Ripoché (música de câmara).

A partir da criação do Brasil Quarteto, em 1962, dá início a um trabalho de divulgação e registro da música brasileira, idealizando posteriormente o coral Artius Canticum e o conjunto Os Cameristas. O resultado desse trabalho foram as gravações de onze Lps com obras de 29 compositores brasileiros. Foi um dos fundadores da Coomusa — Cooperativa dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro — e da AMAR — Associação de Músicos, Arranjadores e Regentes.

O questionamento do ensino da música levou Nelson de Macedo a criar a Escola Brasileira de Música, cujo objetivo principal é o de levantar as bases do que seria a mais adequada didática musical brasileira. Atualmente é professor de instrumentação e orquestração da Escola de Música Villa-Lobos, de composição da Escola Brasileira de Música e de viola da Escola de Música da UFRJ.

Escrito para flauta, cavaquinho e violão, o *Trio brasileiro* tem a antiga formação instrumental carioca: a dos choros. Esta combinação camerística traz para as salas de concerto o cavaquinho, instrumento ainda maldito. Tem três movimentos: Lento-*Allegro*, *Variações* e *Allegro* (Frevendo). São extraídos do Lento o material para o *Allegro*; o tema para as *Variações* é apresentado pela flauta, seguido de variações para cavaquinho, flauta e violão: o *Allegro* (Frevendo) é, como o nome sugere, um frevo.

## NESTOR DE HOLLANDA CAVALCANTI

CANÇÕES DA REVOLUÇÃO

Nasceu no Rio de Janeiro em 1949. Iniciou os estudos com Elpídio Pereira, desenvolvendo-os mais tarde como aluno de composição de Guerra-Peixe, e com as partituras e os livros importados por Oscar Arany. Estudou também violão com Jodacil Damasceno e foi professor do instrumento no Conservatório Brasileiro de Música e na Escola de Música Villa-Lobos.

Durante vários anos trabalhou no Instituto Nacional de Música da Funarte como responsável pela produção fonográfica do Projeto Memória Musical Brasileira (Pro-Memus). Foi diretor musical do Cobra Coral (Coral da Cultura Inglesa) — que renovou o canto coral brasileiro —, em 1981, e do grupo A Garganta Profunda, desde a sua criação, em 1984.

Atua também como redator. Seu ensaio *Música e Dialética* encontra-se em fase de preparação para edição pela Funarte. É arranjador de música popular e produtor de discos. Fez os arranjos e a direção musical, a convite do pesquisador Jairo Severino e da Divisão de Música Popular da Funarte, do Lp *Yes, nós temos Braguinha*, em homenagem aos oitenta anos do compositor popular. Algumas de suas obras foram premiadas em concursos nacionais e internacionais de composição; outras estão editadas e gravadas e têm sido apresentadas no Brasil e exterior destacando-se: *Contradição I*, para septeto (1975); *Estudos simplórios e decepcionantes e coda para clarineta solo* (1977); *Suíte quadrada*, para violão (1978); *Microconcerto n.º 1*, para flauta e orquestra de câmara (1979); *Cobras e lagartos*, para coro (1980); *Canções de(o) 'amor'*, para canto e violão (1981); *Como a Fênix*, para orquestra (1984).

As *Canções da revolução* são uma série iniciada em 1988 e vêm sendo compostas basicamente, até aqui (1989), sobre textos de Bertolt Brecht, sendo que a de n.º 4, *A grande batalha*, inicia-se com um versículo da 2.ª Epístola de Paulo a Timóteo. Inspiradas na tragédia brasileira dos nossos dias, as obras são essencialmente dedicadas ao povo brasileiro na sua luta pela liberdade e pela justiça social. As *Canções da revolução* são uma modesta contribuição do compositor, através do seu trabalho, a esse processo.

## ODEMAR BRÍGIDO

FANTASIA DE CÂMARA

Carioca de 1941, começou a estudar aos seis anos de idade no Conservatório de Música de Niterói. Mais tarde estudou harmonia e contraponto com Paulo Silva e formou-se em composição e regência na Escola de Música da UFRJ, em 1967, onde teve como professor Newton de Paula, José Siqueira e Francisco Mignone.

Sua produção inclui obras para piano, coro, orquestra de câmara e sinfônica, além da ópera *Noite de Iemanjá*, com libreto de Gerson Vale. Suas peças foram executadas na Alemanha, Suíça, Grécia e França pelo Coral de Câmara de Niterói e por conjuntos desses locais. Seu trabalho *Brasil menino* recebeu o único prêmio no I Concurso Nacional de Composição de Obras Didáticas para Coro, promovido pelo INM/Funarte. Compôs a trilha sonora do curta-metragem *Roberto Rodrigues*, agraciado com o primeiro prêmio no Cine-Rio Festival, em 1987.

Dedica-se também ao magistério, respondendo pelo Curso Superior do Conservatório de Música de Niterói, como titular de composição, fuga e instrumentação-orquestração. Atualmente é compositor da Universidade Federal Fluminense.

*Fantasia de câmara* é uma peça para orquestra de cordas que se caracteriza pela forma tema com variações. O tema aparece no terceiro compasso e em seguida é apresentado de diversas maneiras, com várias conotações durante toda a obra, dando, segundo o autor, "a sensação de uma fantasia, num sonho de emoções contrastantes e paradoxais."

## OSVALDO LACERDA

ANDANTE PARA CORDAS

Nasceu em São Paulo, em 1927. Estudou piano com Ana Veloso Rezende, Maria dos Anjos Rocha e José Kliass. Em composição recebeu a orientação de Camargo Guarnieri, o que se reflete em sua obra, caracterizada por um refinamento nacionalista, fruto de um sólido domínio técnico e de profundo conhecimento da música brasileira.

Como primeiro compositor brasileiro a usufruir uma bolsa de estudos da Fundação Guggenheim, desenvolveu seus estudos de composição com Vitório Giannini e Aaron Copland, nos Estados Unidos.

É detentor de inúmeros prêmios em concursos de composição. Sua obra, numerosa e diversificada, vem sendo executada, gravada e editada tanto no Brasil como no exterior. Exerce intensa atividade didática em São Paulo e em outras cidades brasileiras.

Foi um dos fundadores — e é o atual presidente — do Centro de Música Brasileira, entidade que visa a uma maior divulgação da produção musical nacional.

*Andante para cordas* data de 1988. É no dizer do próprio autor, uma peça simples e breve, que visa apenas a deixar cantar os diversos naipes da orquestra de cordas. Sua estrutura obedece à chamada forma ternária ABA. Na parte A, a melodia é apresentada pelos primeiros violinos, sendo repetida, com alguma variante, pelos violoncelos. A parte central B é a mais dialogada. Na volta de A, a melodia reaparece nas violas, a seguir nos violinos, terminando com um solo de violoncelo.

## PAULO COSTA LIMA

RITORNA VIVALDI E TUTTI

Nascido na Bahia, em 1954, realizou estudos básicos de música na Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA. Tem bacharelado e mestrado em composição e teoria pela Universidade de Illinois, Estados Unidos, onde realizou vários recitais que incluíram seu primeiro quarteto de cordas, trio e estudos de música eletrônica. Nesse período estudou com Herbert Brun e Ben Johnston.

Desde 1979 leciona literatura e estruturação musical e composição na Universidade Federal da Bahia, onde fundou a revista *Art*. Atualmente é Diretor da Escola de Música. Autor de artigos de análise de teoria, recebeu vários prêmios de composição no país.

Foi coordenador das Semanas de Música Contemporânea da UFBA, em 1986 e 1987, e tem participado, como compositor, de festivais e mostras de música contemporânea no Brasil e no exterior, como, por exemplo, das V, VI e VII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, dos panoramas da Música Brasileira da UFRJ, no Rio de Janeiro, e do Festival de Dresden, Alemanha, em 1987, quando foi executada a peça *Cuncti-Serenata*.

*Ritorna Vivaldi e tutti* é brincadeira musical que a partir de uma célula vivaldiana (sol - sib - sol - lab - fa - lab) constrói uma série de ambientes barroco-contemporâneos, cuja sucessão lembra uma espécie de móbile. O prazer da peça reside nas soluções encontradas para costurar e descosturar e nas mudanças de cor que vizinhanças aparentemente incompatíveis provocam umas sobre as outras. Depois do primeiro movimento, outros estilos e autores são incorporados à ciranda, ameaçando criar uma espécie de redemoinho ou terra-de-ninguém onde qualquer solvência parece suspeita.

## PAULO LIBÂNIO

A FACE DE ADÃO

Paulo Libânio de Campos nasceu em 1960, na cidade de São Paulo. Iniciou os estudos de piano sob a orientação de sua mãe, aos oito anos de idade. Posteriormente estudou com Ely Azevedo Plastes, Lilian Temporal, Marcilda Clis, Gladys Campos e Irany Leme. Em 1974 ganhou o primeiro prêmio no Concurso Celina Pimenta de Mello e passou a dedicar-se mais ativamente aos estudos de composição. Foi aluno de Almeida Prado, Gerra-Peixe, Henrique Morelenbaum, Murillo Santos, Garth Matthew Drozin, Dulce Leal, Judith Cocarelli e Ronaldo Miranda, em cuja classe concluiu o curso de composição da Escola de Música da UFRJ, em 1988.

Suas obras têm sido apresentadas em importantes salas de concertos do Brasil e exterior e figuram em mostras de música contemporânea como a Mostra de Jovens Compositores, o Panorama de Música Brasileira Atual e a Bienal de Música Brasileira Contemporânea.

Paulo Libânio faleceu em agosto de 1989.

## PAUXY NUNES

DUAS MIRAGENS

Pauxy Nunes formou-se em flauta pela UFRJ onde estudou com Celso Woltzenlogel. Separadamente estudou contraponto e história da música com Michel Phillipot, composição e regência com Alceo Bocchino, música eletroacústica com Eduardo Bértola e composição com Christopher Bochmann. Participou da V e VI Bienal de Música Brasileira Contemporânea.

*Duas miragens* é uma peça tonal e abstrata, composta de duas partes, em relação de contraste. A primeira tem um caráter divagante e é construída a partir de motivos que se desenvolvem em forma de enigma e em torno de uma nota-pedal fá, que permeia a peça toda como um *ostinato*. A segunda é composta de dois temas e sua forma é de sonata, tendo um caráter mais materializado e rítmico.

## RAUL DO VALLE

CONTEXTURA

Nascido em Leme, São Paulo, estudou com Camargo Guarnieri e diplomou-se em sua classe de composição e regência no Conservatório Musical de Santos, em 1973. Transferiu-se para a Europa em 1974, estudando com Nadia Boulanger e Annette Dieudonné (França) e Alberto Ginastera (Suíça). A partir de 1976 passou a residir em Paris, onde trabalhou com Olivier Messiaen, Pierre Boulez e Iannis Xenakis, participando também de 'ateliers de criação' com John Cage, André Boucourechliev, Andrey Eschpay, Ton de Leeuw e outros. Especializou-se em eletroacústica no Groupe de Recherches Musicales, com Guy Rebel, retornando ao Brasil em 1978.

Seu acervo musical inclui obras sinfônicas, de câmara e eletroacústicas, além de música para filmes e peças de teatro. Entre os vários prêmios recebidos destacam-se o Prix du Public no Concurso Internacional de Percussão em Genebra, em 1975, com a obra *Cambiantes*; o Prêmio APCA de Melhor Obra Sinfônica (1980), com *Contextura*, e um novo Prêmio APCA, em 1984, com *Os eventos quentes*, considerada a Melhor Obra Experimental.

Raul do Valle é professor de composição no Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp. *Contextura* foi escrita em 1980 e é dedicada ao maestro Benito Juarez que a estreou com a Orquestra Municipal de Campinas. Trata-se de um tecido sonoro formado a partir do jogo aberto de cor e virtuosismo, aliado ao controle das massas flutuantes. A obra busca uma unidade coerente e singular.

## RICARDO RAPOPORT

TRIO

Fagotista e compositor, foi aluno de Erther Scliar, Guerra-Peixe, Mário Ficarelli e Christopher Bochmann, no Brasil, e de Sérgio Ortega em Paris.

Detém diversos prêmios, entre os quais o primeiro prêmio do Conservatório Nacional de Paris, como fagotista, e a menção honrosa no 1.º Concurso Nacional de Composição para Orquestra, promovido pela Funarte, com *Introdução e Allegro*. Participou do Festival à L'Encre Fraîche, em Pantin, França, com *Três imagens para piano*, em 1988, e *Trio*, em 1989. Seu *Quarteto de saxofones*, dedicado ao quarteto francês Gallica, foi apresentado em primeira audição no Congresso Internacional de Saxofones, realizado em Tóquio, Japão, em 1988.

Em abril deste ano foi selecionado para o *workshop* organizado pelo Fórum Franco-Alemão de Jovens Artistas e pela Fundação Gaudeamus, da Holanda, em Bourges, França.

A idéia principal do *Trio* é fazer soar, artificialmente, um Si bemol em toda sua extensão, contrapondo-se a um *cluster* construído em torno desta mesma nota. Alterna seções polifônicas e harmônicas, buscando, no jogo tímbrico dos instrumentos, as mudanças de cor dos elementos geradores da obra.

## RICARDO TACUCHIAN

DELAWARE PARK SUITE

Carioca, nascido em 1939, diplomou-se pela Escola de Música da UFRJ nos cursos de piano, composição e regência, concluindo também cursos de pós-graduação em regência (1967) e composição (1968). Aprofundou sua formação estudando composição com José Siqueira, Francisco Mignone e Cláudio Santoro. Fez curso de aperfeiçoamento em regência com Hans Swarowsky e apresentou-se à frente de diferentes conjuntos instrumentais e vocais, realizando primeiras audições brasileiras nas principais salas do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Como compositor está comemorando 25 anos de carreira. Tem um catálogo que ultrapassa mais de cem títulos, muitos deles gravados e editados no Brasil e exterior. Sua obra já foi executada em quase todos os países da Europa, e também no Canadá, Estados Unidos, América Latina e principais cidades brasileiras.

Nos anos 70 Tacuchian fundou e dirigiu no Rio de Janeiro os conjuntos Síntese — dedicado à música medieval — e Ars Contemporânea — especializado em música do século XX.

Pertence a inúmeras sociedades musicais, exerce atividades de conferencista, escritor, animador cultural e professor universitário. É membro da Academia Brasileira de Música. Ricardo Tacuchian produz atualmente uma obra sem qualquer compromisso rígido com estética ou técnica composicional. *Núcleos para pequena orquestra* (1983) e *Sinfonietta para Fátima* (1986) são dessa nova fase.

*Delware Park suite (Primeiras impressões de viagem)* nasceu do primeiro contato do autor com a cultura e o povo norte-americano. No dia seguinte de sua chegada aos Estados Unidos, em 1987, na cidade de Buffalo, Nova York, Tacuchian visitou o Delaware Park, um grande espaço cultural e de lazer para os fins de semana. A impressão do local fez com que o compositor começasse a compor a atual *Suite*, concluída posteriormente em Los Angeles. A obra é pós-moderna, isto é, combina livremente diferentes técnicas composicionais contemporâneas com uma expressão urbana e cosmopolita. A estréia da peça ocorreu em Los Angeles, este ano, na University of Southern Califórnia.

## ROBERTO VICTORIO

CODEX TROANO

Natural do Rio de Janeiro (1959), iniciou sua formação musical na FAMA-SF onde concluiu o curso de violão sob a orientação de Jodacil Damasceno. Formado em regência pela Escola de Música da UFRJ, estudou música eletroacústica com Eduardo Bertola, composição com Christopher Bocchmann e composição e regência com Alceo Bocchino. Em 1984 foi finalista do I Concurso Nacional de Composição para Instrumentos de Sopro, organizado pela Cooperativa de Música e no ano seguinte, com a obra *Suíte n.º 3*, foi vencedor do I Concurso Latino-americano de Composição para Orquestra, promovido pela Juventude Musical do Brasil. Participou, em 1988, do Seminário Time in Music em Croznjan, Iugoslávia. Em 1989 recebeu menção honrosa no Concurso Internacional de Composição do Festival de Primavera de Budapeste.

Como compositor tem participado de mostras de música contemporânea no Brasil e exterior. Atualmente é violoncelista e regente assistente da Orquestra de Música Brasileira e cursa o mestrado em composição na Escola de Música da UFRJ.

Literalmente, *Codex Troano* é o livro sagrado da criação do povo maia, onde é explicada a criação do mundo. A intenção em *Codex Troano* é traçar um paralelo entre a música e o sentido implícito dos escritos, ou seja, a tradição cabalística arcaica através da instrumentação, jogo tímbrico e numerologia, causando com isso um natural *harmonium* pela interação desses recursos à música tão presentes no pensamento e tradição orientais, que consideravam esses pontos indivisíveis por exatamente primar pelo que chamavam 'tom cósmico'. Essa é a idéia central de *Codex Troano*, aliada também a um equilíbrio ordenado de seções e motivos que permeiam toda a obra como pontos de unificação entre as três partes: Portal do Sol, Portal da Lua, Grande Templo dos Deuses.

## RODOLFO CAESAR

INTRODUÇÃO À PEDRA

Nasceu no Rio de Janeiro em 1950. Estudou música no Instituto Villa-Lobos, atual UniRio, e em Paris (Groupe de Recherches Musicales/Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris).

Realizou também estudos de filosofia em mestrado na UFRJ, concentrando-se em estética. É membro fundador do Estúdio da Glória, onde compôs vários de seus trabalhos apresentados em eventos como a Bienal de Artes Plásticas de São Paulo e as Bienais de Música do Rio de Janeiro. Suas obras são também executadas na Europa.

Desde 1988 Rodolfo está vivendo em Norwich, Inglaterra, onde, como bolsista do CNPq, faz doutorado em composição eletroacústica. Com sua obra *Vivo* recebeu o prêmio CDP/Keele deste ano.

*Introdução à pedra* foi composta para fita magnética, em 1989, no estúdio da Universidade de East Anglia. O trabalho de encontrar a pedra é extrair dela o que talvez possamos considerar como sendo sua vocação musical própria. O que se ouviu aqui foi produzido em uma pedreira e em bloco de sílex, posteriormente tratado em estúdio eletroacústico.

## RODOLFO COELHO DE SOUZA

GALÁXIAS

Nascido em São Paulo, em 1952, estudou composição com Olivier Tonni e fez cursos com H.-J. Koellreutter, Cláudio Santoro e Conrado Silva. Sua produção diversificada inclui obras sinfônicas, de câmara, para solistas e eletroacústicas.

Tem desenvolvido pesquisas musicológicas para uma nova semiótica da música em trabalhos publicados pela Editora Novas Metas. Junto com Gilberto Mendes é diretor do Festival de Música Nova de Santos e São Paulo.

Recebeu um prêmio de viagem aos Estados Unidos e o comissionamento de uma obra sinfônica para o Saint Mary's College, de Indiana, Estados Unidos. Em 1988 recebeu o prêmio Lei Sarney de Composição, na categoria revelação. Foi coordenador dos concertos de música brasileira e do Simpósio Internacional de Compositores dos Festivais de Inverno de Campos do Jordão de 1988/89, e é o coordenador do projeto de música eletroacústica da 20ª Bienal Internacional de São Paulo.

*Galáxias*, para piano e fita magnética, foi encomendada em 1988 pelo pianista norte-americano Jeffrey Jacob na versão de piano e orquestra. Para uma *tournee*, em 1989, o pianista solicitou esta versão para piano e fita com sons sintetizados. É uma obra de feição minimalista com acentos de elementos rítmicos de fontes populares.

## RONALDO MIRANDA

CONCERTINO PARA PIANO E ORQUESTRA DE CORDAS

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1948, onde estudou composição com Henrique Morelenbaum e piano com Dulce de Saules, na Escola de Música da UFRJ. Começou sua carreira musical como crítico do *Jornal do Brasil*, onde trabalhou de 1974 a 1981; intensificou seu trabalho como compositor a partir de 1977, quando obteve o primeiro prêmio na categoria de música de câmara do Concurso Nacional de Composição para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea. Tem inúmeros outros prêmios em concursos nacionais de composição e o terceiro lugar no Concurso Internacional de Composição de Budapeste, conquistado em 1986. Foi agraciado com o Troféu Golfinho de Ouro, em 1981, o Prêmio APCA, em 1982, e a comenda de Chevalier dans l'Ordre des Arts et des Lettres, pelo Ministério da Cultura da França, em 1984. No exterior, participou, em 1978, da Tribuna Internacional de Compositores da Unesco, em Paris, do World Music Days em Aarhus, Dinamarca, em 1983, da X Bienal de Música de Berlim, RDA, em 1985, do World Music Days, em Budapeste, no ano seguinte e do Festival de Primavera de Budapeste, em 1987. Em 1988 foi contemplado com a Bolsa Vitae de Artes para compor a ópera *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, sobre libreto de Orlando Costa.

O *Concertino para piano e orquestra de cordas* foi escrito em 1986 por solicitação da compositora Marisa Rezende, na época diretora do Departamento de Cultura da UFPE. Com dois movimentos *Allegro* e *Allegretto* a obra situa-se numa linguagem neotonal, ao contrário do *Concerto para piano e orques-*

*tra* do autor, que se fixa num discurso livremente atonal. O *Concertino* tem o mesmo tipo de textura harmônica de um grupo de obras, que inclui a *Fantasia para sax e piano*, o *Aleluia*, para coro, a peça pianística *Estrela brilhante* e a cantata *Coração concreto*. O primeiro movimento, *Allegro*, trata com liberdade poética e freqüentes mudanças de agógica a estrutura da forma sonata. O *Allegretto* conclusivo é construído a partir da forma rondó com ininterrupta fluência rítmica, para proposital contraste com o tempo inicial.

## ROSEANE YAMPOLSKI

O TEMPO QUE FAZ

Carioca, nasceu em 1956. Iniciou seus estudos de teoria musical e piano aos sete anos de idade. Em 1986 concluiu o curso de composição na Escola de Música da UFRJ, na classe dos professores Ronaldo Miranda e Henrique Morelenbaum.

Em 1977 recebeu o segundo prêmio (música e câmara) no I Concurso Nacional de Composição para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea e, no ano seguinte, obteve o primeiro lugar no Concurso de Composição promovido pela Escola de Música da UFRJ. Recebeu, ainda, o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição promovido pela Coomusa, em 1984, na categoria fagote/piano.

Como compositora tem-se apresentado em importantes festivais de música: Bienal de Música Brasileira Contemporânea (Rio de Janeiro), Festival de Música de Santos (São Paulo), Panorama da Música Atual (Rio de Janeiro) e Ciclo de Música Contemporânea (Belo Horizonte). Entre suas obras destacam-se *Ao Deus Kom Unik Assão* para bariton/narrador, coro e orquestra, *Cenas brasileiras* para orquestra e *Ciclos* para violoncelo e piano.

Participou como uma das organizadoras da Mostra dos Novos Compositores e Intérpretes da Música Brasileira, de 1981 a 1983. Funcionária do Museu Villa-Lobos desde 1986, atualmente é responsável pelo Arquivo Sonoro. No exercício de suas funções, organizou e revisou o catálogo de obras de Villa-Lobos, a ser publicado até o final deste ano.

## RUFO HERRERA

IDEOFONIA Nº IV

Compositor argentino, está radicado no Brasil desde 1963. É membro convidado do Grupo de Compositores da Bahia. Em 1971 sua obra *Canto ints* foi premiada no Concurso de Composição promovido pelo Instituto Goethe. Representou o Brasil no Festival de Grass, Áustria, em 1972, com a peça *Engrame*. Compôs, entre outros gêneros, cantatas e óperas, destacando-se *Balada para Matraga*, escrita sobre um conto de Guimarães Rosa, obra encomendada pela Fundação Clóvis Salgado para a temporada lírica de 1985.

*Ideofonia nº IV*, composta em 1987, é parte integrante de uma série de composições baseadas numa pesquisa sobre a música nas civilizações da América pré-colombiana: astecas, maias e incas.

O autor toma como base ideofônica um poema na língua quíchua cuja sonoridade fonética e sua forma, muito semelhantes à de uma Aiko, oferece uma série de possibilidades de expressão próximas do rito, onde o resultado dramático está confiado à voz soprano, apoiada em certos momentos pelos próprios instrumentistas em coro vocal, falado ou entoado. O tratamento intervalar livre se apóia nas infinitas possibilidades tímbricas dos instrumentos de percussão, buscadas na pesquisa segundo a natureza de cada um, dentro de um esquema estrutural de utilização no nível de *ensemble*.

## SÉRGIO DI SABBATO

SONATA PARA PIANO

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1955. Iniciou seus estudos musicais nos Seminários de Música Pró-Arte. Estudou piano com Juliana Wagner e violoncelo com Watson Clis, concluindo o curso de instrumentista na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1986. Na mesma escola obteve o grau de bacharel de música-composição, em 1988.

Como violoncelista tem participação permanente na Orquestra de Câmara do Conservatório Brasileiro de Música, na Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRJ e na Camerata Socius do Rio de Janeiro, da qual foi um dos fundadores. Atualmente é professor de harmonia do Conservatório Brasileiro de Música.

Como compositor tem participado de diversos eventos como o XI Panorama da Música Brasileira Atual, III Biental de Canto de Câmara do Rio de Janeiro, I Encontro de Pesquisa de Alunos de Música, sendo que sua *Fantasia para contrabaixo e piano* foi incluída no II Concurso Nacional Jovens Intérpretes da Música Brasileira, em 1984, e, posteriormente, editada pela Funarte.

Escrita em 1985, a *Sonata para piano* foi estreada no XII Panorama da Música Brasileira Atual, constando de três movimentos, sendo uma sonata cíclica. O primeiro movimento é em forma sonata tradicional, o segundo mais lírico e intimista e o terceiro bastante rítmico e livre, com tendências para o virtuosismo pianístico.

## SÉRGIO VASCONCELLOS CORREA

PONTEIO E CHORO

Nasceu em São Paulo, em 1934. Iniciou sua formação musical com Ilíria Serato, aos 12 anos, prosseguindo-a no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Em 1953 diplomou-se em piano e, três anos depois, começou a aperfeiçoar-se com Guarnieri, abandonando gradativamente o piano em favor do magistério e da composição musical. Estudou regência com Braunwieser e Swarowski, passando a dedicar-se também ao jornalismo, assinando uma coluna semanal na *Folha de São Paulo*.

É detentor de inúmeros prêmios em concursos de composição, entre eles quatro prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1973; em 1974, pela quantidade e qualidade de obras apresentadas no decorrer do ano. Atualmente é professor da Unesp; presidente da Sociedade Pró-Música Brasileira e membro da Academia Brasileira de Música.

Em *Ponteio e choro* são exploradas as características formais, rítmicas, melódicas e harmônicas da música produzida pelos grupos regionais de chorões (conjuntos populares de música instrumental), bem como as constâncias do uso instrumental e as inflexões amorosas, nostálgicas e sentimentais aliadas ao virtuosismo travesso próprios do gênero. É uma obra que não procura inovar, no sentido geralmente usado. Seu objetivo é o de proporcionar ao intérprete e ao ouvinte a oportunidade de vivenciar o clima saudável e descontraído do fazer musical sem qualquer preocupação que não seja a de fluir o prazer proporcionado pela música tal como o sentem os nossos músicos populares.

## SÍLVIO FERRAZ

SOBRE O RETORNO DA VIDA E SUAS CORES

Estudou composição na Universidade de São Paulo com Willy Correa de Oliveira, Gilberto Mendes e Olivier Toni, de 1977 e 1982. Em 1978 frequentou o curso de composição de Michel Philippot na III Biental Internacional de Música da Universidade de São Paulo.

Desde 1970 vem participando de mostras de música contemporânea, como a III Biental Internacional de Música da USP, os Encontros de Jovens Compositores da USP, os festivais de música instrumental da Bahia, e os festivais de música nova de Santos e São Paulo. Junto ao departamento de música da ECA/USP idealizou e organizou, em 1980, o 1º Encontro de Jovens Compositores.

Atua como trompista desde 1980; em 1984 ingressou na Orquestra Sinfônica do Estado da Bahia.

Foi bolsista da Fapesp em 1981 e 1982, com o projeto *Prática enquanto Poética na Música Brasileira*, e no período de 1985 a 1987, com o projeto *Texturas Sonoras na Música do Século XX*, quando trabalhou sob a orientação de Carlos Elias Kater. Atualmente trabalha na pesquisa *Estudos sobre a Organicidade Musical com base no Princípio de Empatia*, que desenvolve como aluno do curso de mestrado da USP.

*Sobre o retorno da vida e suas cores* é comentada por Sílvio Ferraz: "O pulso, constante. O ritmo, irregular, deduzido em unidades binárias e ternárias. O nível de intensidade distingue os acentos, e faz alusão a diversos planos melódicos simultâneos. Ritmos múltiplos, imbricados em suas diferenças. Não há desenvolvimento. Há somente um eixo, vagoante, ao redor do qual gravitam suas sensíveis, ou seja, suas diferenças. A diferença que se introduz com a repetição. O mesmo, o elementar, não retorna. Retorna somente o espírito do sensível: o pulso e as cores do campo harmônico, ressonância, por sua vez, da *Visitação dos passos* de Manoel Dias de Oliveira. Uma elegia."

## TATO TABORDA

VEREDAS

Nasceu em Curitiba em 1960. Estudou piano com Caio Pagano e Vania Dantas Leite, teoria e análise com Marlene Fernandes, Carol Gubernikoff e Esther Scliar, técnicas eletrônicas com Conrado Silva e Micheline St. Marcous, e matérias teóricas, composição e regência com Koellreutter.

É autor de música incidental para cinema, teatro e televisão e membro da equipe organizadora das Oficinas Latino-americanas de Música Popular. É diretor do Grupo Juntos Música Nova, que desde 1980 desenvolve intensa atividade artística na divulgação da música nova brasileira e latino-americana, participando de vários festivais nacionais, tendo inclusive gravado um disco em homenagem aos 70 anos de H.-J. Koellreutter. Atualmente é professor de composição e música experimental da Escola de Música Villa-Lobos.

O texto da obra *Veredas* é uma adaptação do conto de Guimarães Rosa, "*Meu tio lauretê*", que, desmontando e refundido, conduz a um desfecho não previsto no texto original. O material vocal explora o arquetipo vocabular do matuto brasileiro e o que essa fala possui de mais universal, seja ele no sertão de Canudos, do interior das Gerais ou das serras do estado do Rio de Janeiro. Formalmente são "causos de onça", entremeados de duelos entre os dois músicos. Além dos violões, tocados de todas (ou quase) as formas possíveis, são utilizadas instrumentalmente diversas fontes que não são tradicionalmente produtoras de música. A fita incorpora ao discurso sons animais (humanos inclusive) e manifestações (ou interpretações) sonoras de grandes forças da natureza. *Veredas* é um estudo de verbo e som para a ópera *Sertões*, em elaboração pelo compositor.

## TERESA FAGUNDES

ÉRAMOS SEIS

Nasceu em Aimorés, Minas Gerais. Iniciou seus estudos musicais na Escola de Música do Espírito Santo, em Vitória, na classe da professora Áurea Adnet. Ainda em Vitória, participou do I e II Salão do Compositor Capixaba e do II Festival de Música Erudita Capixaba.

No Rio de Janeiro estudou composição na Escola de Música Villalobos, com Guerra-Peixe. Graduiu-se em composição pela Escola de Música da UFRJ, nas classes de Henrique Morelenbaum e Ronaldo Miranda. Atualmente faz o curso de mestrado (área de composição) na Escola de Música da UFRJ, na classe de Henrique Morelenbaum.

*Éramos seis* é uma peça para flautas, clarinete, percussão, violino, violoncelo e piano a quatro mãos. Possui dois temas, sendo o primeiro deles trabalhado com efeito de "glissando" diretamente nas cordas do piano, adquirindo assim um caráter etéreo. O segundo tema, em contraste com o primeiro, mostra trabalho polifônico. A seguir vem o desenvolvimento, onde são explorados os dois temas de maneira fragmentada, aparecendo inclusive um pequeno *fugato* baseado no segundo tema. A reexposição da obra mostra o primeiro e segundo temas de forma intercalada, criando uma atmosfera toda especial.

## TIM RESCALA

BRAVO

Carioca de 1961, estudou teoria musical e piano com Maria Yêda Cadah na Escola de Música da UFRJ (1979 a 1978). Prosseguiu os estudos de piano com a mesma professora na Escola de Música Villalobos, onde também fez o curso de harmonia e, posteriormente, os cursos de contraponto, arranjo e composição com H.-J. Koellreutter, até 1983. Ainda nesse ano formou-se em licenciatura em música pela UniRio.

Durante algum tempo trabalhou como pianista e arranjador de música popular. Em 1979 recebeu o primeiro prêmio do Concurso de Composição da EMVL e Colégio da OSB. A partir de 1980 começou a fazer música para teatro, atuando em mais de vinte peças como compositor e diretor musical. Em 1984 recebeu o Prêmio Mambembe na categoria especial pelas músicas das peças *Will* e *A porta*.

Participou como compositor em diversos festivais e mostras de música contemporânea no Brasil e exterior. Além da música para teatro e concerto, Rescala trabalha também com música popular e obras incidentais para cinema e televisão. Desde 1983 tem atuado como ator e atualmente é responsável pela composição das músicas e diretor musical do programa Chico Anysio Show da TV Globo.

*Bravo* é uma peça de teatro musical que faz parte do espetáculo *Psiv*, apresentado no MAM em setembro último com os mesmos intérpretes desta Bienal. Não só nesta peça, mas em todo o espetáculo, o autor procurou incorporar o texto e a movimentação cênica à linguagem musical, com novos parâmetros para a atuação de músicos-atores. No caso de *Bravo*, os próprios instrumentos são deixados de lado, fazendo com que os músicos se portem realmente como atores cujo texto é escrito em partituras.

## VERA TERRA

ÍCARO

Natural do Rio de Janeiro (1949), é formada em filosofia (1971) e cursa composição na Escola de Música da UFRJ. Estudou piano e, dentre seus professores, destaca-se o argentino Jorge Zulueta. Em 1986, no XIV Curso Latino-americano de Música Contemporânea realizado no Uruguai, aperfeiçoou os estudos de piano com Peter Roggenkamp e os de composição com Dieter Schnebel.

Como pianista dedica-se desde 1975 ao repertório contemporâneo, quando fez sua primeira apresentação com o espetáculo intitulado *Fragments*, baseado na obra de Eric Satie. Tem se apresentado na TV Educativa, na Rádio Cultura de São Paulo, no MASP e na Sala Cecília Meireles. Integrou o espetáculo *John Cage*, quando da segunda vinda do compositor americano ao Brasil em 1986. É da autoria de Vera a música da peça teatral *O anarquista coroado*, de Carlos Henrique Escobar, e baseada em texto de Antonin Artaud. Desde 1972 Vera Terra exerce atividade docente no Rio de Janeiro nas áreas de música e estética.

*Ícaro* é uma peça dirigida em três seções: O Desejo, O Vôo, A Queda. O sopro — enquanto forma de produzir som pela movimentação da coluna de ar — foi escolhido como matéria tímbrica básica, pela proximidade do meio em que se concretiza o vôo: o ar. O efeito de suspensão — que caracteriza o vôo — foi buscado pelo emprego de uma rítmica que, à maneira de Olivier Mes-

siaen, procede não pela divisão da unidade de tempo, mas pela ampliação de uma unidade mínima de duração. A segunda seção da peça apresenta um tecido composto de massas sonoras e de um motivo melódico que criam uma sensação de suspensão sobre o qual o saxofone expõe motivos melódicos, fragmentos da seção anterior e linhas cromáticas.

A peça foi composta nos anos de 1984 (primeira seção) e 1986 (segunda seção) e procura explorar novos recursos do saxofone, com emissões em vibrato e sons múltiplos.

## WALDEMAR MENDONÇA REIS

SONATA PARA PIANO

Iniciou seus estudos musicais sob orientação materna, ingressando, aos 12 anos, no Instituto de Música de Sergipe, na classe de piano da professora Geralda de Almeida Abreu.

De volta ao Rio de Janeiro integrou a classe do professor Luís Medalha que o orientou durante um período de seis anos. Também trabalhou repertório com Arnaldo Estrella e Gilberto Tinetti. Cursou regência na Escola de Música da UFRJ com Roberto Duarte.

Com obras executadas por diversos artistas em festivais nacionais, trabalhou composição com Murilo Santos, Garth Mathew Drozin e Aurélio de la Vega. Atualmente é aluno do curso de mestrado em composição da Escola de Música da UFRJ, sob orientação de Marisa Rezende.

Em sua atividade profissional, diversificada entre aulas, concertos e composição, é primordial o trabalho camerístico em duos, trios, quartetos etc., com artistas como Eliane Salek, Sérgio Dias, Paulo Roberto Sampaio e outros.

Sem a coragem de um Menard, o outro autor de Quixote, a obra balbucia contornos do op. 1 de A. Beng, abusando de trejeitos românticos *fin-de-siècle*, moldados em argamassa cromática, em que os 12 sons são usados livres de uma ordem única. Num ambiente tonal, ou em que os procedimentos descendem do tonalismo, é atravessado todo o esquema sonata dito 'acadêmico': exposição não longa de dois temas contrastantes apenas na ênfase, desenvolvimento que alterna um fugado e texturas difusas de arpejos e acordes, reexposição e coda relembrando o fugado anterior.

## WILLY CORREA DE OLIVEIRA

NAS ASAS DA CANÇÃO

Nascido em Recife, estudou composição com Oliver Toni (1981). Em 1962, graças à bolsa dos governos brasileiro e alemão, viajou à Europa onde permaneceu até 1963, frequentando os principais laboratórios de música eletroacústica e os cursos de Darmstadt (Pousseur, Stockhausen, Bério e Boulez). Ainda nessa cidade realizou uma conferência sobre a poesia concreta brasileira.

Em 1968 dirigiu a cadeira de estruturas da linguagem poética da Escola Superior de Propaganda (São Paulo) e desde 1970 é professor de composição e análise do Departamento de Música da USP.

No plano teórico vem desenvolvendo intensa atividade como conferencista e colaborando em jornais e revistas de arte. Já publicou dois livros: *Estrutura interna da linguagem* e *Beethoven, proprietário de um cérebro*.

No comentário sobre sua obra, o autor observa que "o artista, o criador tem sido comparado à vezes a um demiurgo, às vezes a um deus. Desde Aristóteles a Plotino se abriram alas para o modo de consideração exemplar — e por vezes genética — na representação da produção das realidades a partir de um princípio, de um *primum mobile*, do *uno*. Um *uno* perpassado por agulhas infinitas: como uma canção no instante de alçar vôo. Uma canção alagada, como Pégasus. E no enorme edifício (deste cantar) ia-se erguendo pouco a pouco, adornando-se de incontáveis agulhas góticas, semelhantes a estalagmites, de coruchéus e torres de puro mármore branco."



MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE  
Instituto Nacional de Música

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
**Secretaria de Cultura**